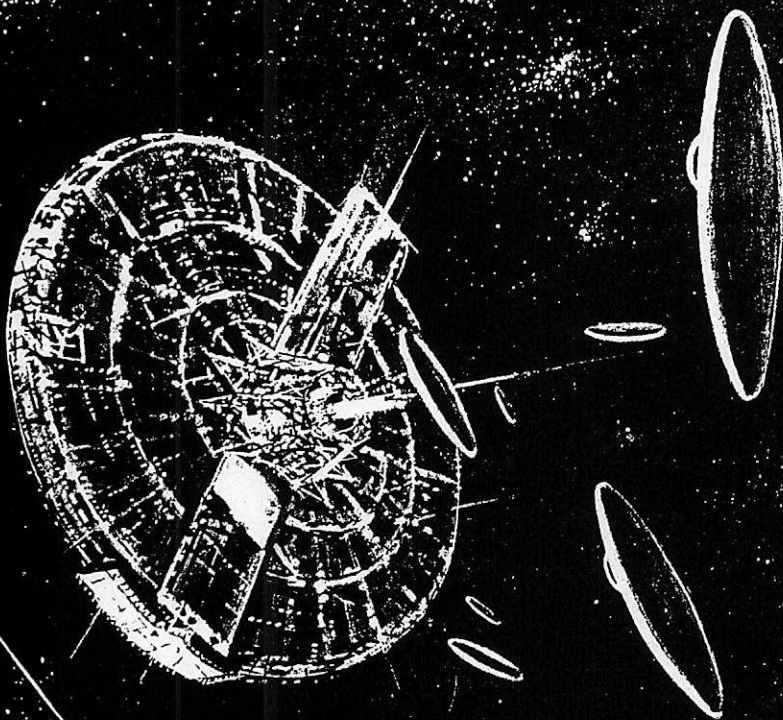


*Há um princípio que serve de barreira
contra toda e qualquer informação,
de prova contra todo argumento e que jamais pode falhar,
a fim de manter o homem em permanente estado de ignorância.
Este princípio condena, antes de pesquisar.*

Hebert Spencer



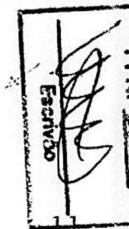
Por que sempre houve – por parte da população de um modo geral – um pre-julgamento sobre pessoas que relatam fatos incomuns, considerando-as fantasiosas, místicas, fanáticas, desequilibradas mentalmente ou necessitadas de aparecer nos meios de comunicação? A verdade torna-se obscura sob os aplausos da ridicularização, do abjeto, do riso e da pilhéria. Assim, a maioria das pessoas se aquieta em silêncio abissal por receio e medo de expor a público suas, às vezes, difíceis e medonhas experiências de haver vivenciado algo estranho diante do inexplicado ou fora do padrão comum da mediocridade mundial.

Ao propormos escrever este livro sobre o *incidente em Varginha*, que traz à baila – mais uma vez – o tema Objetos Voadores Não Identificados, seus tripulantes e todo o mistério neles incluídos –, o fizemos com a preocupação de apenas relatar uma ocorrência real e verdadeira, em que pese ao temor das Forças Armadas de todo e qualquer país ao quererem se apropriar deste assunto, crendo que tais fenômenos ocorrem em virtude das armas mortíferas dos próprios seres humanos, seus inimigos, na beligerância do confronto armado, como se qualquer militar também não fosse humano.

Da mesma forma, procuramos excluir quaisquer princípios religiosos, se eles têm moldado padrões que em nada explicitam o poder do Supremo Criador de todas as coisas, uma vez que somente aos terráqueos coube a tarefa de criar normas doutrinárias e padrões éticos de acordo com os interesses e desejos dos fundadores de religiões.

Quisemos, como única preocupação, escrever sobre o óbvio, ou seja, sobre o que a humanidade vem testemunhando desde tempos remotos, que é a inserção dos extraterrestres no *nosso* planeta Terra, ponto minúsculo na imensidão das galáxias, vindo de onde vierem e sendo eles quem forem.

A Ufologia – estudo dos OVNI's (Objetos Voadores não Identificados) ou UFOs (do inglês *Unidentified Flying Objects*) – ou, se preferirem, OANIs (Objetos Aéreos não Identificados), a nosso ver está vivenciando, neste final do século XX, o seu maior momento de grandeza. Daí a acirrada controvérsia entre os céticos e os



que crêm. Mas a questão crucial não nos é apresentada como um simples acreditar ou não. A nós nos parece muito mais acertada a *compreensão*, ou seja, independente do *crer* ou *não crer*, e antes, portanto, da aceitação cega e absoluta sobre a evidência do fato que originou a inquietação, deixar prevalecer a procura do *compreender* (diante das perguntas, e sem que pesem as emoções), se determinado fato teve ou não a *possibilidade* de sua existência.

Não pretendemos expor aqui nenhum método de pesquisa ufológica, nem influenciar pessoas, nem mesmo provar que determinados planetas existentes no infinito de Deus são habitados por esta ou aquela raça. Não ousaríamos a tanto nem temos capacidade para isso. Nossa intenção única e tão-somente é trazer à tona, sem subterfúgios e retóricas, um testemunho fiel de que alguma coisa *diferente* do que podemos julgar como "*normal*" aconteceu em janeiro deste ano de 1996 na cidade de Varginha, localizada na região Sul do Estado de Minas Gerais, a 300 quilômetros da capital, Belo Horizonte. Culturalmente heterogênea, abriga inúmeras grandes empresas e indústrias. Com mais de 100 mil habitantes, há alguns anos ostenta o título de "porto seco" do café, cuja cotação mundial ali passou a ser feita.

Varginha está localizada na região das cidades de São Tomé das Letras, Três Corações, Pouso Alegre, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha, Três Pontas, São Bento do Abade, Córrego do Ouro, Passa-Quatro, Andrelândia e Alfenas, onde é comum a casuística de grande atividade de OVNI's, cujas aparições públicas são avistadas por milhares de civis e militares, deixando entusiasmados os ufólogos brasileiros e estrangeiros.

Mas, muitos daqueles que se dizem ufólogos, sem jamais se terem dado ao trabalho de desenvolver pesquisas de campo, seguindo trilhas, atalhos e caminhos difíceis à cata de testemunhas, arvoraram-se no mais depressa que puderam para se rotular donos da verdade *sobre e das criaturas* de Varginha.

Já se editaram livro e jornal. Palestras foram feitas em auditórios a preços extorsivos para uma platéia interessada no assunto, mas sem onde e como procurarem os Grupos Ufológicos fechados em seus casulos. Infelizmente, escutaram alongadas leriéis explicativas sobre os "*ETs de Varginha serem intraterrenos...*", que a "*tipologia dos ETs de Varginha*" é igual a *criaturas* existentes aqui, ali, acolá...

A isto preferimos nos abster de comentar os "*vendedores ambulantes*" na procura de incautos, mas entusiastas do tema Ufologia, se a nós não pertence *criatura* nenhuma, nem nunca nos pertencerá.

Escrevemos este livro contando apenas o que se pôde amealhar em termos de pesquisas junto a testemunhas civis e militares, ao deixarmos nossos afazeres profissionais para nós após sobre um incidente ocorrido. E nada mais.

O nosso trabalho também tem o propósito de agradecer aos que tiveram conosco a paciência de nos receber em seus domicílios, seus escritórios e nos terem aguardado quando de encontros furtivos para nos darem seus testemunhos amparados na confiança e no respeito em nós depositado.

E se mais escritos houver em relação às *criaturas do espaço* em Varginha – o que certamente deverá ocorrer – serão, ou um prolongamento do que até aqui fizemos (e isto deverá ser recebido de bom grado e aplausos), ou meras conjecturas de ensimesmados senhores em seus devaneios claustrais que embarcaram em canoa furada, ansiosos por navegar nas ondas de seus próprios e minúsculos oceanos de palavras, apensos às ondas dos seus naufrágios ou, se preferirem uma outra imagem que lhes assentem melhor na postura...a de não possuírem asas para um vôo maior senão o de cuidarem, depois, dos destroços de suas perdas ilusões ao almejam se projetar à sombra do que é de todos e Universal, ou seja, a procura da bastante *compreensão* sobre os Objetos Voadores não Identificados e seus tripulantes.

O nosso relato se prende ao primeiro semestre deste ano e pelo fato de quatro pessoas, as meninas, Kátia Andrade Xavier (22 anos), as irmãs Liliane Fátima da Silva (16 anos), Valquíria Aparecida da Silva (14 anos) e dona Terezinha Cleft (67 anos) terem avistado uma *criatura* diferente dos padrões que entendemos como "ser humano" sendo diferente de qualquer outro animal conhecido.

Poderiam elas próprias, a bem da tranquilidade pessoal, ter assumido um silêncio de comum acordo e não divulgar coisa alguma. Enfrentaram a zombaria da opinião pública, as críticas de céticos, as ironias dos religiosos, as ofensas de pessoas inescrupulosas, além de mexericos e gracejos de todas as formas e fundo, a ponto de quaisquer outras pessoas serem demovidas de tais testemunhos e fazerem a retratação com efusivas desculpas pelo engano. No entanto assumiram, com retidão e honradez, o que avistaram – independentemente do julgo de uma plebe ávida por execução e em regozijo pelo jocoso.

Portanto à Kátia, Liliane, Valquíria e dona Terezinha Cleft, dedicamos este livro.

Vitório Pacaccini e Maxs Portes

Belo Horizonte, agosto/outubro de 1996.



*É ridículo e de uma
pretensão desmedida,
fazer do homem o centro
do mundo, considerando-o
como um ser único
e supremo quando
o Universo comporta
100.000 milhões
de milhares de estrelas.*

Prof. Harlow Shapley

Capítulo

1

Meu interesse pela Ufologia vem do tempo de criança, em Três Corações, influenciado por meus pais, Eduardo Tavares e Rosa Pacaccini – os primeiros adeptos da Ufologia que conheci –, pois antes mesmo do meu nascimento, quando ainda namorados, o que lhes dava maior prazer era assistirem ao seriado de *Flash Gordon* que, saindo das páginas dos gibis de 1934 – criação do desenhista Alex Raymond – inaugurava, em 1936, a ficção científica nas telas do cinema, com Larry Buster Crabbe (o nadador) tornando-se herói espacial na luta contra o pérfido ditador Ming em meio às estranhas paisagens do planeta Mongo, e Jean Rogers (como a personagem Dale Arden).

Lembro-me de que na vasta biblioteca de nossa casa havia um livro de capa azul intitulado *Discos Voadores*, de Desmond Leslie e George Adamski, investigadores da década de 50, e que trouxeram à baila o assunto de modo o mais especificado possível para a época. Conhecido mundialmente, esse livro mostrava um disco voador na capa e, nas páginas de dentro, algumas fotografias de objetos voadores não identificados. Ele chamava a minha atenção de menino, e sua leitura





Flash Gordon e Dale Arden

era muito confusa para mim, mas, por outro lado, dava-me um enorme e sempre renovado prazer em folheá-lo repetidas vezes.

Do nosso aparelho de televisão Colorado RQ, em preto e branco, com antena externa e todos os *fantasmas* possíveis e inimagináveis, além de um som pleno de chiados e ruídos, o que havia de melhor para nós eram as noites festivas quando passavam os seriados *Túnel do Tempo*, *Viagem ao Fundo do Mar*, *Jornada nas Estrelas*, *Perdidos no Espaço* e *Os Invasores*, além de qualquer outro filme de ficção científica. Após assistir a eles em quase estado de êxtase, mesmo naquela pobreza de som e imagem, ficávamos em costumeiros comentários futuristas, sem ao menos perceber a proximidade do próprio futuro acontecendo em nossas vidas através do avanço científico e tecnológico, a culminar com o que nos parecia impossível: se do raio de luz emitido pela arma de *Flash Gordon* surgisse o raio laser de agora; da parafernália de luzes piscando no comando das mais diversas naves alienígenas – figurativas do cinema –, ao computador de hoje. E contar das figuras irreais de seres com estranhas vestimentas, a um projeto Apolo, não foi surpreendente?

Não seria, pois, muito estranho perceber que, se houve tamanho avanço da inteligência humana em tão pouco espaço de tempo, também em proporções relativas pudesse haver – em outra dimensão no tempo-espaco de mundos paralelos ou intergaláticos – tal similitude, respeitados os conceitos da evolução de uma raça?

Imaginarmos um estranho objeto voador vindo do espaço a uma incrível velocidade e dele desprender-se outro menor, com quatro pés sustentando um corpo de formas imprecisas; e ao pousar em chão firme dele saírem dois seres *assemelhados* a humanos, com cabeças de um único olho igual ao de um inseto e a refletir um ponto azul que ficara distante no escuro espaço; quem diria real a imagem destes dois seres, aos pulos de euforia e chamados Neil Armstrong e Edwin Aldrin, comemorando – em 20 de junho de 1969 – o primeiro pouso do homem na Lua? Também não seria ficção?

Ou ficção foram os inúmeros relatos bíblicos, sendo o de melhores minúcias o de Ezequiel, 1- 4: *Evi, e eis*

que vinha da banda do aquilão um torvelinho de vento, e uma grande nuvem, e um globo de fogo, e ao redor dela um esplendor; e no meio dele, isto é, no meio do fogo, via-se uma espécie de metal brilhante...e por vários versículos?

Ficção de um cinema inexistente? Literatura de ficção científica em tábuas de ceras e pergaminhos, ou simplesmente lendas tribais passadas de pai para filho num tempo em que a escrita era privilégio de uma casta de nobres? E, assim mesmo, como descrever sobre uma tecnologia avançada para os padrões culturais de um povo convencido de ser a Terra o centro do Universo?

Hoje acredito que, de todos os membros da minha família, fui eu quem prosseguiu com maior interesse por fenômenos espaciais, acreditando cegamente na existência de um só princípio criador, tanto em relação a nós, terráqueos, quanto aos de outras partes do Universo.

Final, se sabemos da existência de bilhões de estrelas somente na nossa galáxia e de outras tantas ao redor da nossa, astrônomos famosos como Carl Seagan e muitos outros já demonstraram, por várias pesquisas, da possibilidade de outros planetas, mesmo dentro da nossa galáxia poderem sustentar vida conforme nós a concebemos.

Imaginar, no entanto, que o homem está sozinho no Universo e que somente ele é um espécime vivente mais avançado somente por estabelecer linguagem, comunicação verbal e desenvolver tecnologia – inclusive a espacial com destino a outros planetas – não é inteligentemente aceitável a concepção de que somos a semelhança de Deus. E nem este é o caminho mais acertado para melhor entendimento do Cosmo. Por que a insistência de muitos em querer estender uma discussão que não levará a lugar nenhum, apenas em se tratando de argumentos que a raça humana é superior à raça animal, por sermos mais desenvolvidos em relação a eles? Ora, é provado nos dias de hoje – através do Projeto Genoma, que está mapeando o DNA humano e de outras espécies, que as cadeias de genes compondo o nosso DNA também se encontram nos de plantas e de peixes – ou seja, praticamente em todos os seres vivos, incluindo os microscópicos como bactérias e protozoários.



Tripulantes da USS Enterprise



Isso nos leva a crer, portanto, do quanto a nossa raça *apenas* evoluiu na Terra mais que as outras. Porém, há pouco sabemos do meteorito de Marte, o Allan Hills 84001, contendo glóbulos minerais de carbono, que seriam resultados de microorganismos, onde pesquisadores e cientistas afirmam ter encontrado evidências de vida; além da coincidência de agora haver a notícia por parte da Nasa, que fotos foram tiradas pela nave Galileo, revelando novas evidências da possibilidade de vida extraterrestre e que, pela desconfiança dos cientistas, de haver um oceano debaixo da calota de gelo que cobre quase toda uma das quatro maiores luas de Júpiter (planeta 1,4 mil vezes maior que a Terra), dentre as mais de dezesseis já descobertas, e de nome Europa! Se os cientistas crêem que as fotos enviadas são capas de gelo quebradiças próximas a igualar-se às da calota polar ártica da Terra, então são necessárias três coisas básicas para que a vida possa existir: água líquida, calor (que Europa pode ter, havendo gelo derretido) e química orgânica - normalmente transportada por meteoritos que atingem os planetas - como ocorreu na Terra!

A incrível e recente descoberta do Físico russo Eugene Podkletnov, Professor da Universidade Filandesa de Tampere, trabalhando em suas pesquisas com materiais supercondutores - que têm a menor resistência à passagem de energia elétrica - foi por haver recebido em seu laboratório a visita de um dos seus colegas, também cientista, que lá chegou fumando. A fumaça do cigarro, ao passar sobre o seu experimento, começou a subir, como se aspirada rumo ao teto. Ao procurar explicação para o acontecido, Podkletnov colocou uma bola de golfe acima do experimento, pendurada em uma balança sensível. O que jamais ousaria pensar é que estava ocorrendo ali, naquele momento, a mais fascinante descoberta para resultados práticos num futuro muito próximo: a bola de golfe perdera 2% de seu peso. Duplicando a experimentação, obteve 4%, tendo o mesmo resultado ocorrido com outros objetos de materiais diferentes. Podkletnov percebeu que o seu experimento estava criando um escudo antigravitacional resultado da força de vários anéis supercondutores funcionando de uma maneira semelhante ao que acontece no ímã - cujo campo gravitacional resulta em milhões de partículas magnetizadas, orientadas na mesma direção. Ora, sendo assim, nos supercondutores a rotação, numa determinada velocidade, faz com que as partículas do material criem um minúsculo campo gravitacional magnético. Mas o Físico teórico do Instituto Max Planck - o mais respeitado centro de pesquisas da Alemanha -, Giovane Mondanese, acredita que o fenômeno, agora descoberto, seja o resultado do que Albert Einstein imaginou em 1915 (!), ao conceber a Teoria da Relatividade: se a força da gravidade e a velocidade de rotação de uma massa forem suficientemente grandes, será possível moldar e distorcer as dimensões de espaço e tempo, até invertê-las. Assim, então, o homem poderá deslocar-se através das horas e dos dias como se fossem metros e quilômetros.



Experimento
do Físico Eugene Podkletnov.
(Foto de David Parker,
Science Photo Library)
ISTOE 1412 - 23.10.96

Portanto, tal descoberta de Podkletnov, acontecida neste ano de 1996, com detalhes do experimento saindo nas edições do mês de outubro do *Journal of Physics-D: Applied Physics*, do Instituto Britânico de Física, agitam os meios científicos além dos alemães, dos laboratórios da Itália, do Canadá e da Índia tentando reproduzir o experimento, cujos resultados demonstram por demais animadores. Dessa forma, inusitada (e qual descoberta não foi assim?), Podkletnov, criando uma máquina capaz de desafiar a gravidade, está acordando o imaginário da ficção científica, não somente dos amados por meus pais, porém um mais recente filme: *Blade Runner*, com cenas inesquecíveis de carros e motos flutuando entre prédios.

E Ronald Koczor, atual Engenheiro-Chefe da Nasa afirmou que "se o efeito antigravitacional é real, queremos ser os primeiros a dominá-lo". Sendo assim, muito brevemente poderemos fazer o mesmo que as criaturas do espaço já sabem fazer há milênios. Mas estaremos copiando-as nos seus inventos, ou não seria mais uma parte da nossa memória coletiva despertando para o possível?

Desta forma, no avanço natural como a Ciência caminha - ainda que aos tropeços das descobertas -, certamente também haverá o dia das viagens espaciais com humanos a bordo e cobrindo anos-luz de distância da nossa Terra, abrindo uma janela para outras dimensões, cuja realidade, como a conhecemos hoje (e impensada ontem), nunca mais será a mesma.

Creio oportuna a citação de um texto do ufólogo fluminense, Marco Antonio Petit, a nos avisar de "termos em mente que o nosso Universo, com bilhões de galáxias, pode não ser mais que uma única célula em uma estrutura ainda maior. Por mais que busquemos mensurar os limites do eterno, tal tarefa estará sempre por ser realizada. Não temos a capacidade de compreender o Todo, mas certamente a partir de nossas tentativas, que o Eterno, Deus, o próprio Universo, conhece e conhecerá a si mesmo. Somos seu único e invariável caminho. Portanto, não temos o direito de nos autodestruirmos, pois se fizermos isto estaremos limitando as próprias percepções da Divindade Maior".



Ao sair de Três Corações, fui para Stillwater, no Estado de Minnesota, no Norte dos Estados Unidos. De lá, mudei-me para Burlington, no Estado de Vermont – fronteira com a província de Quebec, no Canadá. E, tempo depois, vivi na parte francesa do Canadá, Montreal, província de Quebec, em convívio com a família Rippon, cujo chefe eu carinhosamente chamava de *pai*, um engenheiro que fazia parte da equipe Barrel Team trabalhando em uma divisão da General Electric, onde desenvolviam várias tecnologias de ponta. Na época estava sendo preparado o avião caça F-16 com a metralhadora de seis canos rotativos Vulcan, que disparava 100 tiros por segundo.

Maior interesse houve da minha parte em conhecer um pouco mais da capacidade humana em criar alicerces para o amanhã, sendo meu *pai* uma pessoa com estreita relação de convívio com outros cientistas, inclusive membros da Nasa, que estiveram envolvidos em programas espaciais desenvolvendo satélites. Com alguns deles tive a oportunidade de conversar e ouvir histórias sobre o desenvolvimento espacial, se havia até quem estivesse com Von Braun, o alemão que desenvolveu a bomba V-2 para Hitler e que, ao término da Segunda Guerra Mundial fora para os Estados Unidos, sendo mais tarde o principal responsável pelo projeto Apolo.

Tal convivência com estes homens foi um valioso estímulo para aguçar minha curiosidade e meus conhecimentos sobre ciência e tecnologia.

De retorno ao Brasil, e cursando, em 1980, a Pontifícia Universidade Católica, onde me formei em Administração de Empresas e Ciências Contábeis, com pós-graduação em Comércio Exterior, fui aluno do professor Húlvio Brant Aleixo, emérito professor de Psicologia Aplicada à Administração. Sempre um mestre atencioso, dele são agradáveis as minhas lembranças em sala de aula. Um dia, ao sabê-lo ufólogo, contei-lhe de meu interesse e fiz menção do livro de Desmond Leslie e George Adamski.

Pouco tempo depois convidou-me a conhecer o acervo ufológico do grupo CICOANI que fica guardado em sua residência. Fiquei impressionado com a seriedade do trabalho do grupo. Não imaginava o quanto a pesquisa ufológica fosse tão rica, com dois arquivos em 15 metros quadrados de área de estudos, 2.550 eslaides, 70 mil recortes de jornais e revistas, 400 fitas com entrevistas e mais de 150 livros sobre Ufologia editados em diversos países, além das fichas catalogadas de relatórios feitos quando no retorno das mais de 3000 expedições de campo para pesquisas onde houvera avistamentos de fenômenos aéreos não identificados.

Da nossa convivência e conversas nos intervalos das aulas, a cada dia crescia o meu entusiasmo de aprendizado. Num parêntesis, e por justiça a ele, menciono um fato desagradável e de terrível ofensa a sua pessoa, quando certas

gentilhas na Universidade – movidas por interesses subordinados à mesquinha de suas mentes, armaram verdadeira armadilha contra o mestre, alegando a negligência de seu programa de ensino em favor dos pregões sobre pesquisas ufológicas em sala de aula. Bandalheira das grossas de quem aspirava ascender a lugares melhores na própria Universidade, porque meu mestre jamais se dera ao capricho de mencionar – ao menos mencionar – suas pesquisas extracurriculares. Ao contrário, éramos nós – seus alunos – que pedíamos que nos contasse de seu trabalho e nos revelasse fatos, o mínimo que fosse. Mas a grandeza do mestre superava seus íntimos desejos de se estender horas a fio sobre um assunto de sua predileção. Enquanto professor de Psicologia Aplicada à Administração, o foi em todos os horários na sala de aula. Ainda assim, afastaram-no, com uma acusação sem suporte legal nem argumento favorável. Atitude que denota, na pobreza de espírito, o saciar da fome dos invejosos.

Com ele comecei a dar os meus primeiros passos na pesquisa ufológica, sendo apresentado ao Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados – CICOANI; primeira associação do gênero criada na América Latina, fundada em 1954, nove anos após a Segunda Guerra Mundial. Portanto, um grupo antigo, fazendo pesquisas muito antes da aviação ter quebrado a barreira do som; da existência do primeiro satélite artificial russo, o Sputnik; do raio laser e do hoje tão popular computador pessoal, sugerido na década de 40 apenas como um produto de ficção científica.

Iniciei a minha participação nas reuniões do grupo em 1980 e tornei-me membro efetivo, conhecendo os mais extraordinários casos que o grupo havia pesquisado antes da minha chegada. Acompanhando as expedições tanto de noite quanto de dia, adentrando-me em lugares de difícil acesso, viajando por estradas de terra, embrenhando-me por matas cerradas, escalando montanhas, atravessando rios – arriscando a vida a fazer vigília ou à cata de testemunhas que diziam ter avistado algum fenômeno aéreo não identificado.

Com o professor Húlvio – sendo ele um psicólogo extremamente habilitado –, comecei a aprender técnicas de entrevistas ou em como conduzir testemunhas para as revelações das ocorrências, extraindo delas apenas a verdade e eliminando qualquer outra inserção do que fosse místico, religiosidade, folclore ou mentira pura e simples. Do próprio professor Húlvio temos o melhor resumo deste trabalho. *“Abordar observadores de Objetos Aéreos não-Identificados, OANI, coletar os dados de suas experiências, interpretá-las em busca de uma objetividade são tarefas que requerem aplicação de técnicas psicológicas, as quais, por sua vez, implicam o uso de técnicas estatísticas, principalmente as de amostragem e correlação. Sendo o problema OANI de amplitude planetária, seus dados poderão ser significativos na medida em que, originários de diferentes áreas geográficas e culturais, revelarem uma inter-relação consistente.”*

Capítulo

2

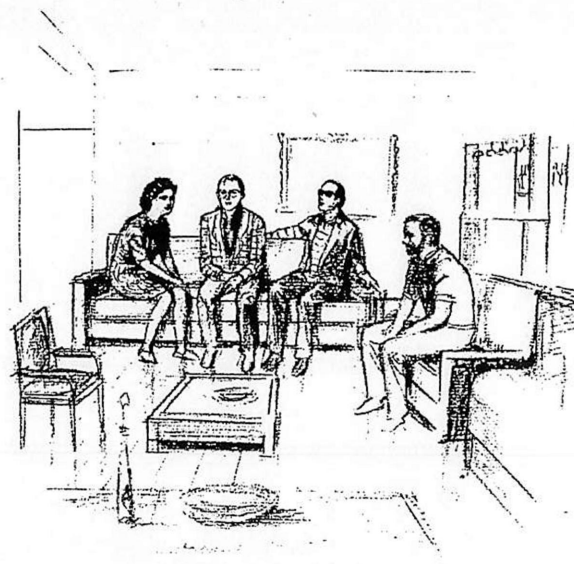
O homem deve
seguramente acreditar
que o incompreensível
se tornará compreensível,
ou então ele deixará
de procurar.

W. Goethe

Na manhã de domingo, dia 11 de fevereiro de 1996, ao buscar com o jornaleiro meus jornais e revistas, deparei a notícia, no *Estado de Minas*, sobre três meninas que avistaram uma estranha *criatura* acreditada como um extraterrestre. Além da fotografia delas, havia a do ufólogo e advogado Ubirajara Franco Rodrigues, daquela cidade, confirmando a veracidade dos fatos.

À noite, em meu apartamento, assisti ao programa *Fantástico*, da *Rede Globo de Televisão*, abordando o mesmo assunto, porém não muito elucidativo, apenas colhendo depoimentos de Kátia de Andrade Xavier, 22; e as irmãs Lilliane Fátima da Silva, 16; e Valquíria da Silva, 14, no local onde avistaram a *criatura*. Mais o depoimento do Ubirajara, noticiando que havia boatos sobre a possibilidade do envolvimento do Corpo de Bombeiros e do Exército de Três Corações, conhecido como Escola de Sargentos das Armas.

E logo a ESA – com um contingente de mais de três mil homens – considerada excelente escola do Brasil, sendo este um dos poucos países no mundo a



Simulação da
reunião ocorrida
no apartamento
do pesquisador
Vitório Pacaccini
e seu grupo
(àquela ocasião)
CICOANI

treinar sargentos. Em outros países geralmente o sargento é promovido apenas por ser cabo e ter prestado mais um período de serviço. Na década de 50, o governo brasileiro criou-a, por entender que o sargento é o elo de ligação entre a tropa e o comando; justo porque a teoria fora provada na prática, pelo desempenho dos nossos pracinhas na Segunda Guerra Mundial.

À simples menção desta Escola, a mim me parecia que o caso de Varginha tomava corpo extraordinário em relação a outros tantos pesquisados na Ufologia brasileira.

Resolvi que deveria convocar os membros do CICOANI para uma reunião em meu apartamento, marcada para o dia 13, terça-feira, justamente para definirmos se também iríamos ou não investigar aquele acontecimento. E, em havendo acordo coletivo, determinarmos qual seria o nosso roteiro de trabalho. Além do que, dada a proximidade do Carnaval, estava mesmo pretendendo passar uns dias



uns dias com os meus familiares em Três Corações, cidade a 25 quilômetros de Varginha, no Sul de Minas.

Na tarde de terça-feira, ainda em Belo Horizonte, e sem deixar transparecer meu interesse ansioso, comecei a telefonar para os amigos em Três Corações e os de cidades limítrofes, solicitando um levantamento sigiloso sobre até onde poderíamos constatar a veracidade do acontecido, principalmente porque a ESA tinha sido citada nas reportagens e cuja entidade, desde o meu tempo de menino, sempre fora de meu conhecimento em seu interior, se ali conclui um curso de equitação e eventualmente a Escola ficava aberta nos dias festivos como do Soldado, da Pátria ou em algumas comemorações específicas, para a visita dos grupos escolares. Muitos dos meus amigos passaram por ela cumprindo apenas o período de alistamento e, outros, preferindo seguir a carreira militar.

Na reunião, às 19h00, com a presença do professor Húlvio, do Manoel Simões Neves - membro do grupo há 23 anos, fotógrafo profissional e responsável pelas fotografias e eslaides do CICOANI e sempre presente nas expedições de campo - e de dona Miraci Santana Guy, outro membro antigo com quase 30 anos de trabalhos prestados ao grupo e residente em Nova Lima, cidade periférica de Belo Horizonte.

Sendo eu um dos mais novos dos membros do grupo e tendo por diversas vezes assumido o trabalho de campo - justamente por minha condição física e faixa etária, além da disponibilidade de tempo por ser solteiro e ser do Sul de Minas, achei que deveria me voluntariar, reportando-me ao grupo quando necessário.

Na manhã da quarta-feira viajei, antecedendo o sábado de carnaval, porque as estradas estariam ainda vazias. E como o mês de fevereiro está na época de muita chuva no Sul de Minas - sendo a Rodovia Fernão Dias muito perigosa em virtude de sua péssima conservação -, pior estaria com o maior volume de tráfego de veículos no feriado.

Quarta-feira, dia 14 de fevereiro, já em Três Corações, fiz o meu primeiro contato telefônico com o Ubirajara, sem deixar de mencionar o CICOANI e o professor Húlvio. Muito cordial e receptivo ao telefone, cumprimentei-o pelo trabalho de pesquisa em que estava empenhado, colocando-me ao inteiro dispor para ajudá-lo no que fosse necessário. Por causa da nossa proximidade, achando-se Três Corações, em média, a vinte minutos de carro de Varginha, marcamos um encontro para a sexta-feira, dia 16 de fevereiro, quando eu iria até ele.

Ainda na mesma tarde recebi um telefonema do "Sérgio", um amigo, avisando-me ser possível apresentar a mim um militar que estivera diretamente

envolvido na captura do estranho ser. Teríamos, no entanto, de nos encontrar tarde da noite, e em uma estrada secundária, justamente para que a testemunha não fosse avistada por qualquer outra pessoa alheia aos nossos interesses. E gravei o seu depoimento.

Na manhã do dia 20 de janeiro, aproximadamente às 8h30, um telefonema anônimo avisou à 13ª Companhia do Corpo de Bombeiros que um animal estranho estava no bairro Jardim Andere. Não tardou que chegasse uma viatura com quatro membros do Corpo de Bombeiros comandados na ocasião pelo major Maciel.

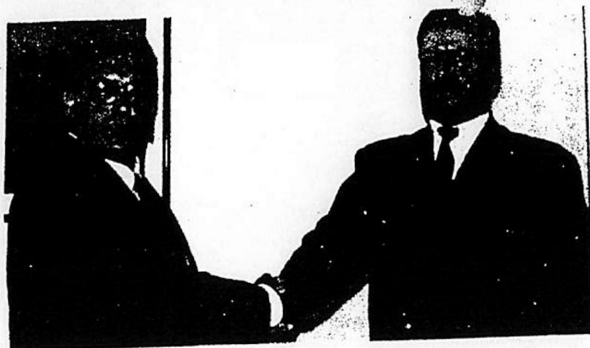
Traziam os equipamentos necessários para aquela finalidade: redes, luvas, cordas e outros para o caso de ser necessário usá-los. Percorreram o local e, na Rua Suécia, defronte ao nº 3, há um barranco e logo abaixo, passa a linha férrea. Depois desta começa uma pequena mata fazendo divisa com o bairro Santana. Alguns adultos e crianças que estiveram observando a criatura - tendo algumas delas jogado pedras, fazendo com que ela descesse o barranco e entrasse na mata - continuaram a acompanhar a movimentação dos bombeiros.

Aproximadamente às 10h30, eles a encontraram. Tinha os olhos grandes, vermelhos, iguais aos de sapo. Mas os olhos não ficam para dentro, tais quais os da gente. São para fora, sem pupila nem cílios, nem pálpebras. A boca é só um pequeno rasgo e dois furos no lugar do nariz. Também não tinha orelhas. Só três caroços saindo dos lados e do centro da cabeça. Era uma criatura estranha, com os pés grandes e desproporcionais ao corpo, que também não tinha roupa e, nem assim, deu para saber seu sexo. Tinha era uma barriguinha saliente. E essa barriguinha saliente foi motivo de mais boataria na cidade sobre o ET grávido. Sem fazer resistência alguma, estava aparentemente abobada (apenas emitindo um zunido de abelha). Deixou-se capturar por uma rede, sendo carregada para a viatura do Corpo de Bombeiros. Porém, um pouco mais para trás havia estacionado um caminhão do Exército, sob a vigilância de dois sargentos e um oficial - podendo ser um tenente ou de patente superior -, e que ajudaram os bombeiros a colocá-la viva - ainda envolta na rede - dentro de um caixote de madeira, sendo coberto por uma lona do próprio caminhão que, incontinenti, partiu dali com destino à ESA, enquanto a viatura do Corpo de Bombeiros retornava ao quartel.

Finalmente, fui a Varginha conhecer o Ubirajara, cujo encontro estava marcado para as 14h00. Era sexta-feira, dia 16 de fevereiro, um dia antes do sábado de carnaval. Antes, telefonei ao professor Húlvio, avisando-o do contato que eu havia mantido com a testemunha militar. Muito impressionado com o meu relato, achou de extrema importância esta aquisição, informando-me que o doutor Eros Jardim, vice-presidente do CICOANI, pessoa muito nobre, encontrava-se em



Uma grande
parceria mineira:
os pesquisadores
Vitório Pacaccini e
Ubirajara Rodrigues



São Lourenço, acompanhado de sua esposa, dona Amazilis, passando os dias momecos na famosa estância hidromineral distante hora e quinze - de carro - da cidade de Três Corações. E que, inclusive, o próprio professor Húlvio já se havia comunicado com ele sobre a minha estada no Sul de Minas.

Ainda na sexta-feira, pela manhã, o doutor Eros telefonou-me. Ao ficar ciente do meu encontro com o Ubirajara, mostrou-se interessado em ir junto comigo a Varginha, também desejoso de ouvir os relatos do Ubirajara.

Combinamos um horário e o doutor Eros saiu de São Lourenço para nos encontramos em Três Corações. Ele, sua esposa e eu seguimos viagem para Varginha, onde foi fácil localizar a residência de Ubirajara: uma casa branca, de esquina. Fomos atendidos por seu filho Rodolfo, de doze anos - jovem simpático e agradável, extremamente dinâmico. Ao me identificar perante o Ubirajara e apresentar-lhe o doutor Eros e esposa, que também não o conheciam, ele nos encaminhou para a sala de estar, quando - após alguns instantes de conversas amenas -, pedi-lhe que nos dissesse dos fatos até então sabidos por ele. Isto, porque estávamos precisando de melhor nos situarmos sobre as ocorrências.

Até então Ubirajara não sabia da gravação do militar. Mas, por não conhecê-lo e não saber com que tipo de pessoa estava lidando, até aquele instante não havia decidido se mostraria tal depoimento, convicto de conduzir sozinho as minhas investigações paralelas e a meu modo. Estava indeciso. Felizmente, ao perceber sua seriedade, além da postura ética e digna de um ufólogo, mudei o meu modo de pensar. Disseram-me ser a dúvida a melhor companheira antes da certeza. E foi ótimo saber erradas as minhas preocupações. Ubirajara mostrou - ao longo de toda a nossa conversa -, ser uma pessoa dedicada há vinte anos em seu trabalho

de campo e portadora de conhecimentos corretos sobre a pesquisa ufologia com bases científicas.

Foi quando nos narrou o que até então sabíamos pelos jornais e televisão. No domingo, dia 21 de janeiro, ouvira os primeiros boatos sobre umas meninas que avistaram uma estranha *criatura*, um dia antes, sábado, dia 20, no bairro Jardim Andere. Estivera viajando a São Tomé das Letras onde desenvolvia uma nova pesquisa, e tem publicado um pequeno trabalho sobre tais fatos, além de um video por ele mesmo editado - embora de forma doméstica - mas muito bem-feito.

É interessante observar que o Ubirajara também reside no bairro Jardim Andere. E se estabelecermos como medida imaginária um ponto em linha reta entre a casa dele até o local onde as meninas viram a estranha *criatura*, dar-se-ão, se bem medidos, uns quinhentos metros, não mais.

Em meio à boataria do disse-me-disse, das suposições das mais diversas entre pessoas do bairro e alongando-se para toda a cidade, foi somente na segunda-feira, dia 22, que procurei saber quais eram as meninas e onde moravam. Por mera coincidência descobriu morarem próximos. Foi até a casa das irmãs Liliâne e Valquiria, ambas residindo no bairro Santana, também chamando a Kátia.

No primeiro encontro, narraram a ele o episódio com extrema emoção, pranteando em alguns momentos - se persistia nelas o temor ainda visivelmente estampado nos olhares. Escutou toda a história e pediu que elas o levassem ao local para fazerem uma recapitulação: mostrando, inclusive, de onde exatamente estavam vindo, e o que de fato avistaram.

Novamente repetiu-se o pânico instalado nos olhares delas. Veio o choro nervoso a ponto de não conseguirem o controle necessário para nada mais temerem. E no instante em que foram solicitadas para se aproximarem do muro onde a *criatura* estava agachada, maior se fez o desconforto, pois havia restado nelas um fator psicológico extremamente notório e evidente.

Naquele sábado, Kátia estava fazendo uma faxina em uma casa do bairro Jardim Andere. Como o trabalho era muito por ser grande a casa, Liliâne e Valquiria, estando disponíveis, foram chamadas por Kátia para ajudá-la. Terminado o trabalho e regressando a pé, por preferência, uma vez que o bairro Santana, onde moram, é vizinho do bairro Jardim Andere - separados por uma grande área arborizada e com uma rua própria, asfaltada -, além de cortar caminho, evitando seguir o curso natural das ruas por onde dariam muitas voltas, adentraram-se naqueles terrenos baldios.

Exatamente onde é o bairro Jardim Andere, próximo a três quarteirões antes do seu término, há um declive acentuado, indo até a grande área arborizada e com algumas casas em construção. Andando juntas, elas se defrontaram com



Kátia, Valquíria e Liliã
defronte o muro onde
avistaram a *criatura*
(foto capturada de vídeo)



uma *criatura* agachada, próxima a um muro erguido com tijolos pré-fabricados de cimento, onde é uma oficina mecânica.

Daí o susto. Primeiro, o de Liliã quem a avistou, se estava um pouco adiantada das outras duas, naquele instante paradas para ajeitarem melhor a sacola de plástico que Valquíria transportava. Com o grito de Liliã pondo-se a correr, as duas também viram o que não era um bicho e não tinha a menor aparência com qualquer animal que se pudesse nomeá-lo. Também não era um ser humano... pois a pele era marrom escura, viscosa, como se untada com óleo por toda a superfície do corpo, com três protuberâncias frontais na caixa craniana, grandes olhos vermelhos sem pupilas e saindo para fora do rosto. Boca e nariz pequenos. Pernas e braços finos. Veias salientes e grossas saindo do pescoço e indo até por cima do ombro. Os pés grandes, desproporcionais ao resto do corpo.

Mesmo com o grito de Liliã, a *criatura* continuou agachada e com as mãos entre as pernas. Apenas virando o rosto para ela e sem se mexer, foi o suficiente para o pânico se estabelecer. Embora elas tivessem tido apenas a visão por um instante, bateram em retirada e, mesmo na correria, olhavam a *criatura* agachada do mesmo jeito.

Era uma tarde quente, ensolarada, e não havia ninguém mais visível pela redondeza. Na correria foram avistar pessoas somente quando haviam passado pela rua asfaltada dentro da mata e no bairro onde residem.

Chegaram a casa de Liliã e Valquíria. Encontraram Luísa Helena da Silva, mãe destas, que percebeu o quanto estavam as três amedontradas, em choro convulso, pernas e mãos trêmulas e gaguejando ao relatarem o fato de terem visto "o demônio". Isto, porque era a única referência a que poderiam associar *aquela coisa*.



Retrato falado
da *criatura* agachada
próxima ao muro,
avistada pelas meninas





Capitão Alvarenga assumiu o comando do Corpo de Bombeiros de Varginha após a transferência para Poços de Caldas do major Maciel - quem comandou a captura da primeira *criatura*

Católicas praticantes, Luísa acreditava nas filhas, crendo estranhas as revelações, além do estado aflitivamente nervoso com que se apresentavam; e decidida a por fim a tanta agitação daquelas três, saiu de casa intuindo de conseguir uma carona de carro para abreviar a distância que teria de caminhar. E a obteve, por sorte, com uma vizinha passando por ali naquele momento. Explicou a ela a situação, e instante depois estava no local. Mas nada de diferente avistou. A *criatura* não estava por ali. Ainda assim, encontrou duas pegadas de pés enormes, bem diferentes dos pés comuns, que ela mesma não soube precisar sobre o que ou quem poderia ter feito aquilo. E sentiu um cheiro muito forte, parecendo como se de amoníaco, pairando no local onde estivera a *criatura*. Mas Luísa não conseguiu, em casa, encontrar nos produtos químicos de material de limpeza: detergentes, água sanitária, produtos afins, qualquer coisa capaz de reproduzir o mesmo cheiro.

Diante das revelações e dos fatores emocionais que mãe e filhas demonstravam naquela confissão, Ubirajara ficou impressionado com o que ouviu, passando a dar veracidade àqueles fatos.

Estávamos ouvindo o seu relato sem que, até aquele instante, houvesse surgido a oportunidade para eu mencionar o depoimento militar em meu poder. Contou-nos de uma tempestade torrencial com chuva de granizo do tamanho de bolas de pingue-pongue arrasando casas, derrubando muros, telhados, inundando ruas e, com tal violência, que há muito não se via acontecer na cidade.

Tantos informes confusos, em curto espaço de tempo, fizeram com que fosse à 13ª Companhia do Corpo de Bombeiros, ansioso por informações concisas. O comandante, capitão Pedro Alvarenga, negou que a corporação tivesse atendido a qualquer chamado naquele bairro, frisando que nenhuma viatura fora deslocada para aquele ponto da cidade. Mostrou a ele um boletim de ocorrências, alegando ater-se somente sobre atendimentos em outros pontos onde ocorreram estragos causados pela chuva de granizo no sábado, por volta das 17h30, após o avistamento da *criatura* pelas meninas.



Hospital Regional

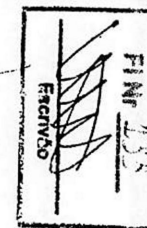
No entanto, pela postura do capitão e pela negativa da informação solicitada, Ubirajara não se deu por convencido, preferindo inquirir o tenente-coronel Maurício Antônio dos Santos, comandante da Polícia Militar de Varginha, que também tudo negou, a ponto de afirmar nada saber e nada ter a acrescentar sobre o extraterrestre!...

Interessante notar que antes era o *demônio*; mais tarde, o *bicho* e, de repente, o *extraterrestre*! E como havia mais boatos noticiando que a *criatura* fora capturada e levada por soldados do Corpo de Bombeiros para um hospital, procurou o senhor Adilson Usier, administrador do Hospital Regional de Varginha.

"- *Aqui no Regional, com toda certeza e estou convicto, não internou ninguém com características acima do ser humano*".

Foi procurar informar-se em outro hospital, o Humanitas, também encontrando negativas de todos os gêneros. Ninguém falava, não sabia, nem tinha permissão para dizer coisa alguma.

Percebendo inúteis as fontes oficiais, achou por bem acionar alguns conhecidos para ajudá-lo nas indagações a terceiros. E tomou conhecimento, por parte de um amigo seu, que este era parente de uma pessoa trabalhando no Hospital Regional. Conseguiu contactar-se com ela, tendo a mesma relatado que naquele dia um grande número de pessoas estranhas ao hospital haviam sido vistas por lá. E mencionou o fato de um determinado setor do hospital ter sido interditado às pressas com alegações - por parte da diretoria - do início de reformas naquelas dependências... evidentemente inventadas como desculpa, após reuniões a portas fechadas, onde o diretor intimou os profissionais da área médica, proibindo-os de



Hospital Humanitas



32

mentonar o que ali se passava, pois tal assunto – sendo este altamente confidencial –, não poderia, sob qualquer pretexto, ser divulgado, em hipótese alguma.

E, da mesma pessoa soube de uma outra – também profissional –, haver confirmado a movimentação estranha no hospital, do setor interditado, da proibição de ninguém divulgar o que estava acontecendo, e a presença, sim, de uma *criatura* em observação... Mais: que esta mesma profissional, ao mostrar-se interessada em ver a *criatura*, foi aconselhada por uma colega (ou nova testemunha) que não o fizesse, porque iria ficar *muito impressionada!*...

Assim, em razão de tantas informações truncadas e de situações que não possuíam nenhuma analogia uma com a outra, Ubirajara achou que realmente algo de muito estranho estava acontecendo. E resolveu, após as negativas oficiais, levar o assunto ao conhecimento da imprensa. Ao mesmo tempo contactou-se com a professora Irene Granchi, a nossa primeira dama da Ufologia brasileira. Ela, residente no Rio de Janeiro, telefonou para Luiz Petry, um dos editores do programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, colocando-o a par dos acontecimentos. Foi quando o Petry telefonou para o Ubirajara e imediatamente viajou para Varginha, na intenção de preparar o primeiro programa televisivo. Ao mesmo tempo, Ubirajara manteve contatos com o reporter Evaldo Reis, da Sucursal Sul do jornal *Estado de Minas*, que publicou uma grande reportagem a respeito.

E foram exatamente essas as matérias que vi em Belo Horizonte.

Retornando à nossa presença na sala de visitas da casa de Ubirajara, tendo a meu lado o doutor Eros e sua esposa, e ouvindo o que ele nos contava, foi quando comecei a perceber a coerência cronológica dos fatos, onde Ubirajara se mostrava numa posição correta para prosseguir na investigação. E, a partir daquele instante, não tive mais dúvidas quanto a também ajudá-lo em meio à seriedade com que estava nos relatando as evidências de um assunto muito mais profundo do que toda a sua pesquisa até aquele ponto. Entendi que não poderia deixar de dar a minha parcela de colaboração, ajudá-lo no que dependesse de mim e também acentuar meu trabalho de pesquisador da melhor forma que eu pudesse fazer.

Mesmo ainda impressionado com os relatos, doutor Eros alegou necessidade de regressar com a esposa, porque não queria viajar à noite. Prefери ficar aquele dia em Varginha e dei a ele explicações de como faria para sair de lá, qual era a estrada para chegar ao trevo de Três Corações, e como seguir para Cambuquira, depois Lambari, até o seu destino final, São Lourenço.

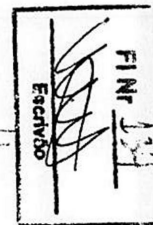
E, com a ausência do doutor Eros, Ubirajara me perguntou:

— E aí, o que você está sabendo?

Iniciava minha fala quando entrou na sala a Angélica, morena de beleza impar, esposa de Ubirajara, acompanhada da filha, Sthefani (8 anos), cleita por mim como a mais graciosa bochecha de Minas! Após os cumprimentos e uma conversa formal, acentuando-se leves comentários sobre o acontecimento da cidade, afastaram-se da sala, deixando-nos a sós. Foi quando, finalmente, tive a oportunidade de retirar da minha pasta o gravador e pedir que ele prestasse atenção no que ia escutar. Deixei rodar a fita que eu gravara na noite anterior. Ouvindo o depoimento do primeiro militar, senti Ubirajara ficar inquieto, Acendia um cigarro atrás de outro, extremamente eufórico. Terminada a audição e após seu sorriso de surpresa, confessou emocionado:

— Pacaccini! Você trouxe um novo alento às minhas investigações! Agora a coisa é séria!

De verdade, havia ficado, pois eu percebera, após o seu relato de hora e meia ou mais, que até aquele instante ele tinha nas mãos – além do depoimento das meninas e uma série de informações truncadas, as peças soltas de um quebra-cabeça. Pelo menos ali, e daquela vez, havia um dado concreto, e irrefutável! Era, portanto, a hora de começarmos a estabelecer um mínimo de ordem nos fatos que se sucediam. Repassamos os dados possuídos e, exatamente naquele momento, começamos a entender a situação. Se no dia 20 de janeiro, por volta das 10h30, o Corpo de Bombeiros havia capturado uma *criatura* na grande área arborizada separando o bairro Jardim Andere do bairro Santana, e entregue para o Exército que, incontinenti, a retirou de Varginha levando-a para Três Corações, era muito pouco provável – e até ridículo – que o mesmo Exército tivesse retornado com esta



criatura às 15h30 para deixá-la agachada junto ao muro de cimento naquele terreno baldio – e a três quarteirões acima de onde fora encontrada – somente porque as meninas ao passarem por ali iriam vê-la!

É evidente que isso não fazia o menor sentido. A partir daí começamos a entender melhor o acontecido, porque a prova número um estava contida no depoimento gravado. E, a segunda, indiscutível, estava com as meninas. Expondo isso ao Ubirajara, constatei dele também desconfiado, mas inseguro. Havia o faro ufológico, mas não o suficiente, em consequência da série de informações desconexas. E mesmo havendo prova inconteste, tanto na fita como no relato das meninas, os horários em que a boataria se espalhara entravam em contradição, porque os que avistaram o incidente da captura, os caminhões do Exército, a entrada com ela no hospital, era um (acontecido na parte da manhã). E o horário em que Kátia, Lilliane e Valquíria viram-na – na tarde de sábado, dia 20, era outro. Simplesmente não conferindo os horários, só poderiam ser duas... as criaturas!

Numa euforia indescritível e agradecido por eu estar com ele na difícil e árdua tarefa de pesquisa, levou-me ao anexo contruído em sua casa, um auditório com quadro magnético, equipamentos de som, uma sala, uma pequena e funcional cozinha e instalação sanitária. Na sala é onde está o acervo de seus trabalhos: recortes e documentos arquivados em pastas, além dos equipamentos de vídeo, computador e aparelhagens de som para edição de fitas, além de uma pequena mesa de mixagem e de efeitos, filmadora e máquina fotográfica.

— Este é meu canto! – disse, feliz, ao me apresentar o seu lugar predileto da casa, onde a maior parte do seu tempo é passada ali em leituras e na catalogação dos artigos de revistas, jornais e correspondências sobre OVNI's. Mesmo sem conhecer a mim e minha pessoa, pois não me havia apresentado socialmente – embora possuíssemos idêntica preocupação de ufólogos –, confessou do quanto gostaria de ter mais contato comigo, além daquele dia, pois eu entregara a ele uma informação extremamente valiosa, que se tratava da fita gravada, e isso denotava uma confiança partilhada, o que não é muito comum neste campo de pesquisadores.

— E você, vai estar em Três Corações durante os dias de carnaval?

— Vou, sim – afirmei, ao aguardo de surgirem novidades por parte dos meus informantes.

— Faça questão de levá-lo ainda hoje. E posso buscá-lo de volta, amanhã?

— Claro! Assim, podemos juntar todos os resultados de nossas pesquisas e recapitular muitos pontos ainda obscuros sobre a criatura e a boataria que rola pela cidade.

Senti despontar nele e em Angélica, a companheira admirável, que chegara à nossa presença naquele instante, que estávamos a estabelecer uma parceria a render frutos com os nossos trabalhos até então paralelos.

Capítulo

3

*Se se soubesse
estudar cientificamente
os testemunhos,
a Justiça seria
uma ciência.*

Almeida Michael

No dia seguinte, sábado, 17, conforme o combinado, retornei à casa do meu novo parceiro após o almoço, lá ficando por toda a tarde, até o anoitecer. Recapitulamos o que havíamos conseguido até então. Informou a outros ufólogos mais próximos, anunciando a eles esse encontro comigo, dando-lhes informes sobre minha pessoa e sempre em tom muito elogioso – o que me enalteceu sobremaneira.

Contou-me de seu amigo, o engenheiro Claudeir Covo, que eu conhecia por nome, sem jamais ter travado contato pessoal com ele, mas sabendo-o como a maior expressão da Ufologia brasileira, anunciando o que acontecia em Varginha. Também para a professora Irene Granchi, residente no Rio de Janeiro, citando meu nome a esta pesquisadora, que também não conhecia pessoalmente, embora estivesse em Varginha antes da minha presença no Sul de Minas. E que, de seu regresso ao Rio, telefonava dia sim, dia não, no intuito de acompanhar as nossas investigações.



Em meio a tudo isto, o Ubirajara segurava as últimas informações obtidas, mesmo comentando com outros ufólogos que ligavam para lá, mas preferindo dar um tempo maior no objetivo de retardar para a imprensa o depoimento do militar.

Foi quando Luiz Petry, editor do *Fantástico*, da *Rede Globo de Televisão*, foi novamente avisado, pois, tendo feito um primeiro programa em Varginha, havia solicitado ao Ubirajara que o avisasse tão logo surgisse qualquer novidade no caso.

E com o depoimento do militar em nosso poder, foi gerado um segundo programa, levado ao ar no domingo, dia 25 de fevereiro.

É importante mencionar aqui, num parágrafo, toda a nossa cautela, porque as pessoas, naqueles dias, tendiam a crer que tudo fosse apenas brincadeira de moleques quanto à *criatura*. Como estávamos na época próxima ao carnaval, havia chacotas, ironias e rumores de um boneco pintado e deixado no canto do muro, preso por cordas de nylon e acionadas para assustar quem passasse por ali... Ou, sobre alguém fantasiado, na intenção de fazer graça, pregar susto! Assim, o noticiário levado ao ar com as novas informações – obviamente resguardadas as fontes –, mostraria a todos a seriedade dessa descoberta.

Ubirajara telefonou para o Petry, contando as novidades e mencionando-lhe minha pessoa. Imediatamente nos informou que poderia deslocar uma equipe de reportagem para Varginha, após o carnaval.

Como a vida tem suas surpresas! Tinha ido a Três Corações com a intenção de estar uns dias com a minha mãe e afastar-me um pouco da agitação de Belo Horizonte e também, de levantar algumas informações sobre o caso Varginha. Percebi, no entanto, que após o carnaval não poderia sair mais do Sul de Minas. Primeiro, porque Ubirajara e eu decidimos que nenhuma notícia sobre os fatos de Varginha seria fornecida de modo unilateral, pois estávamos trabalhando em conjunto. Segundo, a ida – novamente – da equipe de reportagens da *Rede Globo*, chegando para a gravação do segundo programa – onde apareço no cenário da investigação. Terceiro, porque decidimos que tudo a ser dito teria que necessariamente passar por um crivo de acordo mútuo após análises do que poderia ou não ser divulgado. E este acordo de cavalheiros se estabeleceu daquele momento até os dias de hoje.

E sabendo que a equipe da televisão viria, passei a ir a Varginha praticamente todos os dias. Alertei os meus informantes daquela região onde eu estaria, se em Três Corações, ou na casa do meu parceiro.

Nesta oportunidade, nos ligou do Rio de Janeiro o Marco Antonio Petit, outro grande ufólogo brasileiro de enormes e valiosos serviços prestados à Ufologia, além de alguns curiosos do Sul de Minas. O Ubirajara fazia as apresentações dos que eu não conhecia, como ocorreu com o repórter Evaldo Reis, da sucursal jornal *Estado de Minas* que passou a ter um contato maior comigo no valém das pesquisas de campo.

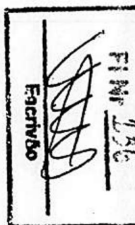
No domingo de carnaval, dia 18, procurei um casal, meus conhecidos. O marido é militar da ESA. Avisei ao Ubirajara que iria entrar em contato direto com outros militares, pois se nós já possuíamos uma confirmação de que o Corpo de Bombeiros esteve envolvido; seria importante saber sobre a *criatura* levada pelo caminhão do Exército para a ESA, somente por intermédio de alguém de lá.

E, num dos telefonemas, consegui contactar-me com eles, marcando um encontro em casa de minha mãe, para o dia seguinte, segunda-feira, 19.

Confirmei com Ubirajara.

Aproximadamente às 21 horas, o casal chegou. Ainda não havia comentado com eles o meu propósito. Tudo se restringia a um encontro social. Conversas amenas entre um e outro drinque. Até quase meia-noite ainda não havia entrado no assunto. Fazendo preâmbulos, preparando-os como é meu costume há muito anos – se é comum a testemunha esvanecer-se, dependendo da forma como é abordada. Considerando que estava de frente a um militar de dentro dos portões da ESA, mais cautela tive ao empreender conversas sobre inúmeros assuntos, inclusive mostrando a ele a minha arma de defesa pessoal – calibre 9mm, curto, popularmente conhecida como *calibre 380* –, meu registro e porte de arma, comentando, ainda, meu curso feito em Belo Horizonte, na Escola Majaluwa, com o professor Marinho, um dos maiores especialistas em treinamento de defesa com arma de fogo no Brasil –, quando me graduei no curso por ele ministrado. Disse, também, da minha filiação ao Clube Mineiro de Tiro Prático, o qual freqüento pelas manhãs em todos os finais de semana. Mencionei, ainda, meu contato com a própria Federação Mineira de Tiro Prático. Foi nesta escola que aprendi muito sobre defesa, circunstâncias de perigo, postura psicológica diante do elemento surpresa e tantas outras técnicas de defesa extremamente apuradas. Isso foi muito importante na minha vida, porque me fez uma pessoa mais tranqüila do que normalmente sou.

Continuando a apresentação da minha pistola semi-automática, totalmente customizada, que é uma expressão usada no meio dos adeptos do tiro prático: customizada é uma arma, digamos, envenenada, preparada. A minha, por exemplo, tem todos os requintes: compensador de gases, gatilho leve, as travas amaciadas, o cão aumentado, o cabo feito de pau-brasil conseguido em Belém, quando a coloquei



na mão de um armeiro e ele fez tudo sob medida, com encarte para os dedos e acabamento - desde as travas, o cão, o gatilho, ao pino injetor do carregador -, tudo banhado a ouro. Uma peça linda, além de ser uma arma extremamente eficiente, quando da necessidade de se estabelecer uma ação de defesa.

Neste momento comecei a perceber que o nosso assunto se voltava para armamentos. Contemplava, admirado, a pistola semi-automática. Repetimos a cerveja e mais um canapé, quando, convidei para deixarmos a sala de visitas e irmos para a de televisão. Neste momento, a minha mãe havia se recolhido ao quarto e, no novo ambiente, mostrei-lhes um vídeo de Ufologia muito interessante, produzido na Alemanha, narrado em inglês e com legenda em português, onde várias naves foram filmadas em situações diversas de aparições.

Ficou muito impressionado, a ponto de confessar seu gosto pelo assunto.

Era o de que eu precisava.

— Sabe por que estou mostrando esta fita a vocês? Porque, além de empresário em Belo Horizonte, sou um pesquisador de Ufologia.

Ele olhou para a esposa e sorriu.

— Então, você é um pesquisador!? - disse, surpreso.

— Sou. Há dezoito anos! - E contei a eles a minha vivência no CICOANI, as viagens de pesquisas, meus trabalhos de campo, e o quanto estava diretamente ligado às investigações do caso de Varginha.

— De Varginha? - admirou-se. - Está investigando o de Varginha, também?

— De corpo e alma - afirmei. - Travei contato com o Ubirajara, que começou as pesquisas. Mas conseguimos até agora informações extremamente preciosas. Além do mais, por saber que tudo isso é muito sério, estou me dispondo a levar adiante a investigação... precisando de sua ajuda, é claro!

A esposa mostrou-se receosa, manifestando preocupação pelo fato de o marido ser militar da ESA. Tranquilizei-a, dizendo que a pesquisa ufológica se vale de suas testemunhas, sabendo da gravidade que é expor a público o depoimento de qualquer pessoa. Falei-lhes sobre a pesquisa, feita com muito critério para preservar em qualquer momento e época a integridade das testemunhas, tanto civis como militares. Aludi as razões por que muitas pessoas - ainda que no anonimato - preferem se isentar nessas horas, receosas por caírem no ridículo público. No caso de um militar, por exemplo, invoquei a prisão na caserna, a moral rebaixada, a corte marcial e a perda do emprego!

Pedi que ele gravasse um depoimento sem se identificar, porque eu não conseguiria memorizar tudo o que ele dissesse. E tal depoimento ficaria absolutamente restrito ao campo da pesquisa. Caso, no entanto, houvesse a necessidade de mostrar a fita para outra pessoa, ele permaneceria anônimo, sobre qualquer argumento ou pretexto de identificação.

E algo muito interessante ocorreu naquele momento. Na hora em que coloquei a fita no gravador, ele apenas pediu-me que em hora alguma e por qualquer motivo fosse identificado.

A esposa, ainda preocupada:

— Olha, que isso pode prejudicar a gente! - disse ao marido.

— Pode ficar tranqüila - retruquei.

Mesmo assim, apegou-se à bíblia encontrada na estante. E, enquanto eu conversava com seu marido não olhei mais para o rosto dela, percebendo-a agitada ao passar as páginas, temerosa de possíveis represálias e consequências advindas do ato de o marido dar testemunho ao proibido.

Deixei-o narrar o que bem quisesse.

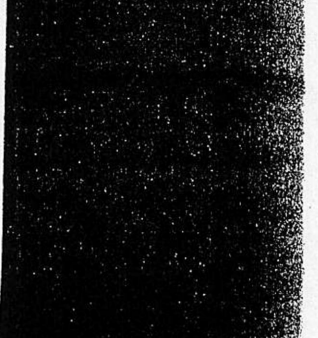
— Tudo começou com a maior boataria dentro da ESA - disse. Após o primeiro programa do *Fantástico*, em que apareceram imagens da ESA, nada foi comentado oficialmente entre os militares, restando em cada um enorme interrogação, pois era a primeira vez - presenciado por ele nos seus vários anos como militar -, que havendo citação sobre o Exército pela imprensa falada, escrita ou televisionada, não ocorria uma informação direta aos subordinados por parte dos seus superiores em comando. Se, num exemplo, a rádio local informa sobre treinamentos do Exército no Pico do Gavião - próximo a São Tomé das Letras -, onde é comum a presença dele, ou qualquer jornal interiorano publicar uma nota, por menor que seja, dentro da ESA nada passará despercebido.

Quando ele viu a reportagem, comentou com a esposa a confusão prestes a acontecer no meio militar, estando, de fato, o Exército envolvido. Na manhã seguinte saiu de casa no horário habitual, indo para a ESA. No local onde os militares fazem as suas refeições, que em seu jargão é *rancho*, ao ir tomar café, estava na expectativa de encontrar algum comunicado ou aviso fazendo alusão à reportagem. Encontrou vários militares comentando o assunto da *criatura* de Varginha, e o fato de a ESA ter errado por barrar a equipe de reportagem da *Rede Globo* ali se encontrando para colher algumas informações. Não os deixou entrar na Escola - um quartel enorme -, apenas alegando a ausência do oficial de relações públicas e do general, não podendo atendê-los. Foi um erro, inqualificável, pois, se o comando tivesse melhor tirocínio na ocasião, teria recebido o Luiz Petry com a equipe. Na intenção de esconder fatos, o que deveria ser feito é levá-los para uma sala, oferecer-lhes café, apresentar-lhes o oficial de relações públicas, engendrando assuntos variados. Ficaria bem aproveitar para mencionar um "nós não sabemos de coisa alguma porque estávamos em treinamento de tropa no quartel e nenhuma viatura afastou-se daqui". Qualquer desculpa nesse gênero e os repórteres sairiam satisfeitos. Ao contrário, impediram de modo rude o Luiz Petry na portaria, com argumentos de não haver ninguém para falar. Ora, num contingente militar com mais de três mil homens, seria impossível que não existisse uma pessoa sequer que pudesse atendê-los! Ridículo!



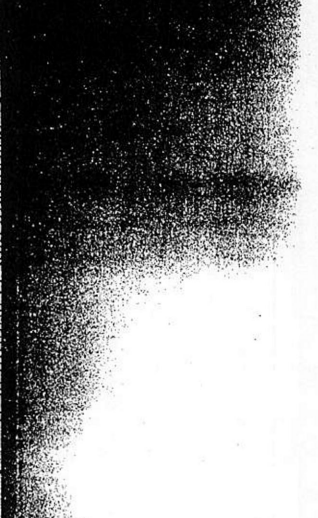
Os segredos do ET de Varginha

Ufólogos acreditam que a "criatura" capturada dia 20 de janeiro esteja sendo estudada



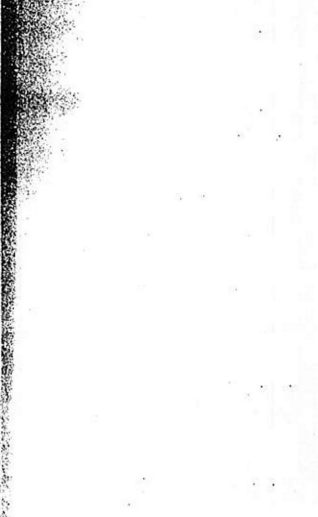
Pesadelo que vem do céu

A vida das favelas de Varginha mudou depois do fenômeno extraterrestre



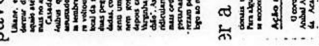
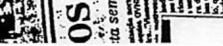
GERAIS

Estado de Minas



GERAIS

Estado de Minas



GERAIS

Estado de Minas

Ele, como outros de seus companheiros, ficaram esperando a hora em que seriam chamados para serem notificados oficialmente por algum superior ou pelo próprio general ou coronel, sobre a atuação que a Escola teve na mídia. Mas, naquele dia, ninguém tocou no assunto.

Então, revelou-me que a ESA tem um Informativo do Exército (INFORMEX) que é uma espécie de rádio-telex diretamente ligado com um comando do Exército em Brasília. Todas as vezes que algum quartel de alguma unidade militar é citada na imprensa, geralmente chega o informativo com instruções sobre o que será dito para a tropa em função do que fora anunciado sobre determinada unidade militar, amparada a uma instrução superior. Mas nenhum (INFORMEX) foi transmitido tanto para as tropas, quanto para o corpo de funcionários. E, quando isso ocorre, o alto comando daquela unidade o faz, porque o Exército é uma entidade de prestígio extremamente ligada a comunidade, não podendo ser citada a bel-prazer de qualquer jornalista.

Era de estranhar - e muito - tal silêncio, principalmente porque se tratava da notícia sobre a captura de uma *criatura*. Como não haver informação, se a Escola estava diretamente envolvida e aparecendo na televisão pelo Brasil todo? O próprio pessoal da ESA começou a desconfiar, claro. Alguma coisa de errado pairava no ar, pois não era possível um acontecimento desse e nenhum oficial noticiar coisa alguma. Nenhuma orientação houve nem menção na Ordem do Dia, nem nos dias subseqüentes. Simplesmente não tocaram no assunto. Era a primeira vez na vida deste militar e na de muitos outros conhecidos dele, dentro da ESA, que a ocorrência de um fato de repercussão mundial fizesse com que o Exército não emitisse nenhum comunicado esclarecedor.

Outra revelação importante foi a existência de uma unidade do Serviço Secreto do Exército dentro das instalações da ESA, os chamados S2. Funcionando em uma sala sempre fechada, a que pouquíssimos têm acesso, porque estão diretamente comandados por Brasília. Quando alguém deseja falar algo com quem se encontra dentro, tem que tocar uma campainha. Chega uma pessoa à porta, fecha-a do lado de fora, e pergunta o que deseja. Desta forma ninguém tem acesso ao interior da sala. O pessoal do serviço secreto é livre do uso da farda. Alguns, inclusive, usam barba, cabelos compridos. Tipos comuns para se infiltrarem no meio da comunidade. Têm, inclusive, viaturas de uso civil.

Outro dado posto pelo militar nos dá conta de que os S2 fazem um rodízio periódico de tal forma, que é difícil até mesmo para quem está servindo na ESA saber seus nomes, ou quem é ou não do serviço secreto. Há quem desconfie, e só.

No dia seguinte, quando liguei para o Ubirajara, anunciei:

— Missão cumprida! Pode me aguardar que estou levando novidades.

Ao mostrar a fita do outro militar (na terça-feira de carnaval, dia 20), o Luiz Petry ainda não havia chegado.

— Minha Nossa Senhora! - exclamou Ubirajara, percebendo que eu estava mesmo envolvido na pesquisa e dividindo com ele todas as minhas descobertas que, sem dúvida alguma, começavam a esboçar uma atividade bem sucedida no Sul de Minas. Mais haveria. No entanto seria uma questão de tempo para que novas informações viessem até minhas mãos, embora as já possuídas nos dessem um norte certo rumo à verdade. E, compartilhando com o Ubirajara esse ritmo intenso de atividades em que estávamos, ainda assim decidimos guardar esse material e ver depois, de comum acordo, o que seria possível passar para o Luiz Petry.

As atividades continuaram. Veio a quarta-feira de Cinzas, dia 21, e grande era a nossa expectativa da chegada da *Rede Globo* marcada para o dia seguinte, quinta-feira, dia 22. Na casa de Ubirajara o telefone não parava de tocar. Não havia acontecido o segundo programa televisivo e os ufólogos ou curiosos continuavam ligando. Também foi quando começaram a surgir alguns relatos de OVNI's sobrevoando as cidades ao redor de Varginha, num raio de 150 quilômetros: Boa Esperança, Andrelândia, Alfenas, Fama, Três Corações, Cambuquira, Campanha, São Gonçalo do Sapucaí, Monsenhor Paulo, etc. Ao todo, apuramos mais de doze cidades. Pessoas nos davam informações sérias, outras brincavam de terem visto uma coisa estranha há um mês, há quarenta dias, na semana passada... Ah, aqueles telefonemas!...

Após atender a uma das chamadas, Angélica, sempre agradável, brincou que iria começar a cobrar pelo serviço de secretária, pois não havia mais sossego dentro de casa.... E o Ubirajara continuava me apresentando às pessoas, suas conhecidas, que telefonavam sempre falando de as pesquisas terem mais um impulso por causa da minha presença.

Mas, entre aqueles tantos telefonemas recebidos, alguém lembrou ter uma pessoa visto uma *criatura* em uma fazenda próxima a cidade de Alfenas, distante 80 quilômetros de Varginha. Anotamos o endereço e as informações de como chegaríamos lá.



Capítulo

4

*A necessidade da certeza
é uma necessidade natural
do homem, mas é,
ao mesmo tempo,
um vício intelectual.*

Sir Bertrand Russel

Quinta-feira, dia 22 de fevereiro, veio com ela a viatura da *Rede Globo*, do Rio de Janeiro. Estavam o Luiz Petry, o Quito (operador de câmera, e que documentou o videoclipe *They Don't Really Care About Us*, gravado por Michael Jackson no morro Dona Marta), um auxiliar de câmera e o motorista.

Pessoalmente não os conhecia. Ubirajara sim, pois estivera com eles no primeiro programa do *Fantástico*. A um canto lembrei ao Ubirajara o meu receio sobre o sigilo absoluto em relação às pessoas que me deram seus depoimentos, confiando na minha discrição. E ele foi ficando tenso, porque percebia a minha intenção de nada mostrar ao Petry. Preocupado, porque é uma pessoa muito honrada, sabia que, se eu dissesse não, seria não. Era parte do nosso acordo de parceria estabelecida no critério de respeito mútuo. A negativa de um seria a do outro. Havia apenas um dado a ser considerado: ele continuaria falando o que julgasse oportuno ainda a respeito do primeiro encontro deles e até onde eu não havia entrado na pesquisa. No entanto, procuraríamos informar ao Petry o que fosse possível, mantendo as nossas fontes completamente fora de seu alcance.

Fizemos uma reunião e contamos as novidades, quando ele nos pediu para ouvir as fitas dos dois militares. Relutei, numa explanação do perigo se a imprensa viesse a noticiar – como furo de reportagem – tudo o que fora gravado. As testemunhas poderiam ser identificadas, recaindo enorme responsabilidade sobre mim. Eu não estava disposto a correr tanto risco. Petry aproveitou a oportunidade para relatar um pouco sobre a sua ética jornalística. Após, nos despedirmos nesse primeiro encontro, ele e a equipe foram para o hotel. À noite jantaríamos com eles, traçando as normas do que seria gravado no dia seguinte.

Como ficamos os dois em casa, tivemos uma conversa longa.

— Isso é muito sério. E grave! Do primeiro *Fantástico*, em que tudo fora ao ar ainda cheio de reticências – porque não havia nenhum depoimento de militares – ao de agora, com novas revelações, o passo que estamos dando no sentido de melhor esclarecer o caso pode pôr em perigo as nossas testemunhas.

— Está com medo?

— De certa forma, sim.

— Também estou, mas não há como deixar de dar a notícia. Você, em algum momento, encontrou uma razão para não confiar em Petry?

— Nele, não. Mas você sabe o que é uma empresa jornalística. Há funcionários para vários setores. Quando uma pessoa é destacada para fazer uma reportagem, por exemplo, ela nunca vai sozinha. Sai a campo e retorna com uma série de dados confidenciais ou não. Faz a triagem dos fatos...

— E daí?

— Daí, sinceramente, não tenho razão para desconfiar do Petry, pois a mim me pareceu ser realmente um profissional ético. Mas ele, por melhor que seja, é apenas um funcionário. E se alguém lá de dentro, vier a fazer mau uso do que passarmos para ele? O próprio Petry também não iria ter controle. Se algum superior seu resolver transferi-lo para um outro programa da *Globo*, ou mesmo que venha a perder o seu contrato de trabalho e for para outra empresa, o que seria feito das *sobras*, do que não pôde ser divulgado naquela oportunidade? Em que novas mãos fi-



Luiz Petry,
editor do programa *Fantástico*,
da Rede Globo de Televisão



cariam todo o documental? Os nossos depoentes é que levariam a pior. E o Petry não é o dono da Rede Globo.

Ubirajara concordou com o exposto. E começamos a pensar sobre o que poderia ser divulgado nas transcrições das fitas – sem que fossem identificadas as testemunhas –, e o que não poderia ser divulgado sob qualquer pretexto. Além disso, fizemos o roteiro prévio das cenas e entrevistas que deveriam ser filmadas. Aquela noite foi longa, preocupante. Para mim, dormir não foi um verbo fácil de pronunciar madrugada adentro em Três Corações.

Na sexta-feira, dia 23, pela manhã, começaram as tomadas de cenas. Dos depoimentos, deixamos Petry ouvir as gravações, entendendo serem muito importantes na história da Ufologia brasileira e, em sendo parte da história, não nos cabia o privilégio de somente a nós nos pertencer. No entanto requeria cuidados especiais na sua revelação. E o Petry foi extremamente correto, ouvindo as gravações completamente surpreso, mas concordando que muitos dos trechos revelaria quem era a parte informante, se divulgado na íntegra. Decidiu-se, então, usar trechos de pequenas falas, algumas operadas por voz eletronicamente distorcidas.

E viajamos para Alfenas à procura do Antônio Cândido de Moraes (Toninho), que avistara uma *criatura* numa fazenda. Fizemos algumas tomadas que foram, inclusive, aproveitadas no programa levado ao ar no domingo, dia 25, porque o Petry desejava adiantar seu trabalho de filmagens. Chegamos à casa do Toninho e não o localizamos, porque estava trabalhando como jardineiro na Associação Atlética Banco do Brasil – AABBB – de Alfenas, distante oito quilômetros da área urbana, às margens de pequena estrada de terra.

Colhidos os depoimentos de algumas pessoas, houve certa polêmica na ocasião, porque uma delas, dizendo conhecer o Toninho – um senhor que aparece no segundo *Fantástico*, – e pretendendo mostrar-se íntimo, se prendeu em informes tolos sobre ele. Um pormenor irrelevante ao mencionar ser “um rapaz muito bom, conheço ele há muitos anos. É um rapaz que não bebe, não fuma. É, por bem dizer, um rapaz perfeito”. Acontece que o Toninho, ao dar a entrevista para nós, estava fumando. Ficou, desta forma, essa contradição que apareceu no *Fantástico*. Irrelevante, mas, assim mesmo, seria de bom grado explicarmos. No entanto, o que desejávamos mesmo era o depoimento dessa testemunha afirmando o que vira: “uma coisa simplesmente incrível”. E nos contou que, de manhã cedo, montou na bicicleta e foi para a AABBB pela estrada de terra com pastos nas laterais das cercas, eucaliptos, árvores e gados. Ainda na metade do percurso encontrou-se com uma estranhíssima *criatura*. Parou de pedalar, freou e passou a contemplar o que pensava ser um macaco; depois um tamanduá. E, pela descrição pormenorizada percebemos

que se tratava de outra *criatura* inclusive já catalogada na tipologia de seres extraterrestres no Brasil.

Tal *criatura* já foi vista tanto no Brasil como na Europa. Conta o Toninho ser ela do tamanho de um homem de estatura mediana, além do corpo todo de pêlo escuro. Avistou-a a vinte e cinco metros de distância. Estava próxima de um vale de eucaliptos, ao seu lado direito na direção que ia para a AABBB. Do lado esquerdo havia uma cerca delimitando um pasto e que, na noite anterior do avistamento, houvera um estouro da boiada, a ponto de o gado arrebentar alguns mourões da cerca, espalhando-se em correria desenfreada.

Embora eu tenha certa noção sobre fazenda e procedimentos do gado de corte, ou mesmo se não o tivesse, não deixa de ser por demais estranho fazê-lo sair da costureira ruminância à confusa galopada num sem rumo a ponto, inclusive, de arrebentar cercas de arame farpado. Houve, portanto, uma razão ou algo aterrorizante para os animais assim se portarem. O capataz desta fazenda (aquele que não sabia de o Toninho ser fumante), nos levou para ver a cerca ao lado de uma estrada de terra, onde o gado normalmente, com sua mansidão, está habituado a passagens de carros, transeuntes a pé ou de bicicletas. Ou seja, aquele gado está acostumado com a presença do homem em sua rotina de pastagem. Nem mesmo os cachorros dali seriam capazes de afugentá-los, pois sabem dos animais serem grandes para eles. Mas quando o Toninho se referiu à *criatura*, o local onde ele a vira fora exatamente na frente do pasto, só que do lado direito. E “aquela coisa” ficara a uns vinte e cinco metros de distância, próximo dos eucaliptos, olhando fixamente para ele, parado na estrada junto à bicicleta. A cabeça enorme, num formato oval, com dois olhos grandes, arregalados.

— Fiquei de cabelo arrepiado, tal o susto que eu levei! – disse para o *Fantástico*. E completou a entrevista falando de ter montado na bicicleta e saído a pedalar, olhando ainda para trás e avistando a *criatura* de olhar fixo nele, mas caminhando em direção à mata de eucaliptos.

Pensei na curiosidade de estarmos diante de depoimento sobre uma *criatura* muito conhecida pelos ufólogos



Criatura avistada por Toninho, já catalogada na Ufologia brasileira



brasileiros e, não, aquela de que estávamos à cata, que era a de Varginha. O Luiz Petry, muito prudente, achou por bem não soltar essa informação, se o programa estava direcionado para o caso da *criatura* de Varginha. Se fosse mencionada esta outra, iria confundir as pessoas ou poquíssimas conseguiriam assimilar as diferenças quando, para a maioria, estaria parecendo mais uma ficção científica.

Retornamos a Varginha na hora do almoço e fomos procurar o pedreiro Henrique José de Souza que, na manhã do dia 20 de janeiro, lajeando uma casa em construção, viu – juntamente com seus companheiros de obra – a viatura do Corpo de Bombeiros no local da primeira captura, mais alguns curiosos se agrupando na rua.

— O que você viu? – perguntei.

— O Corpo de Bombeiros, que parou na rua e foi até onde tinha gente apontando o barranco por onde desceu uma coisa diferente.

— Eles viram pegar essa coisa?

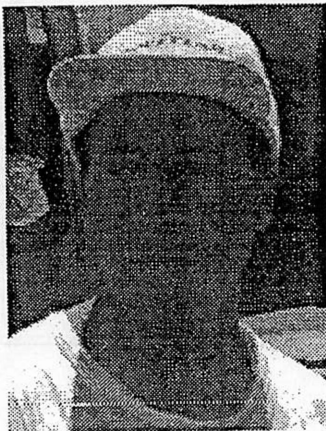
— Eles viram.

Fiquei sabendo depois que, por duas vezes, o Henrique foi intimado pela polícia a guardar silêncio.

Durante o almoço repassamos o planejamento do que seria apresentado no *Fantástico*.

Tínhamos recebido uma informação, por intermédio de um amigo de um fazendeiro de Varginha, conhecido de Ubrajara, que um capataz dele havia visto uma nave. Achamos por bem ir colher as informações. A fazenda fica localizada no caminho entre Varginha e Três Corações, na mesma estrada que eu percorria todos os dias, ida e volta e aproximadamente a dez quilômetros saindo de Varginha.

Nosso contatado era o senhor Eurico de Freitas e sua esposa Oralina Augusta. E o que nos contou foi de suma importância no *incidente em Varginha*. Tão importante que entrou nas gravações do *Fantástico*, embora em cenas



O pedreiro
Henrique José de Oliveira
(foto capturada de vídeo)

curtas, diálogos rápidos e nada muito conclusivo, porque em televisão um minuto que seja vale ouro. Mas, para nós, de valor inestimável.

Ali, retornei várias vezes não só para apresentar outros ufólogos a eles, como para levar outros profissionais de jornais, revistas, além de canais de televisão –, inclusive os pesquisadores estrangeiros que começavam a dar um sentido internacional ao episódio de Varginha.

Eurico nos contou que, na madrugada do dia 20 de janeiro, ou seja, na noite de sexta-feira para sábado à 1h14 (e aqui é bom abrimos um parêntesis para recordar que naquele mesmo 20 de janeiro o Corpo de Bombeiros já havia capturado uma *criatura* às 10h30 e que as meninas avistaram a outra, no mesmo dia 20 de janeiro, às 15h30!), acordou num susto devido a um grande alvoroço e olhou no rádio-relógio digital sobre o criado-mudo ao lado da cabeceira da cama. Era o gado, num galope desordenado em meio a mugidos e barulhos. E comentou com Oralina, acordando de sobressalto:

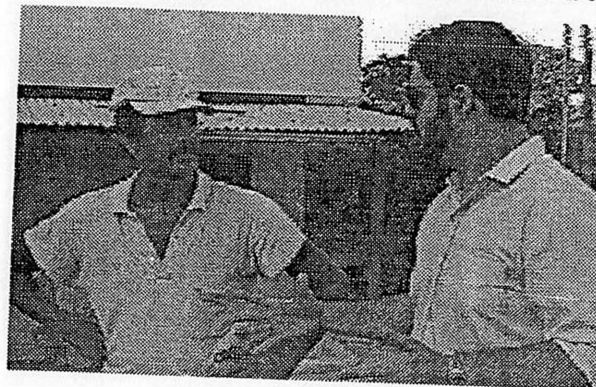
— Tem gente roubando o gado. Vou lá ver!

Como a casa onde moram fica defronte desse pasto que se alonga até acima do morro por onde passa a estrada principal Varginha-Três Corações, deixou o quarto indo até à sala. Abriu a janela para ver o acontecimento.

— Tinha um submarino voando em cima do pasto, Pacaccini! – disse olhando em meus olhos.

— Submarino? – confessei incredulidade.

— É, sim. Um submarino mais ou menos do tamanho de um microônibus, e de pontas arredondadas, tendo na parte de cima um carçoço.



O pesquisador
Pacaccini e Eurico de Freitas
– que avistou a nave
(foto capturada de vídeo)

— Uma cúpula?

— É. Mas não deu pra eu ver bem o cocuruto dele.

Oralina, ao perceber que o marido estava debruçado na janela da sala, também foi ver. E confirmou comigo:

— Era um charuto voando em cima do pasto!

Provavelmente não identificou o cocuruto, a cúpula, a parte convexa em cima do aparelho.

— O submarino voava a mais ou menos uns quatro metros do pasto, e numa lentidão de fazer gosto. Parecia até quase parado. Não fazia barulho e não tinha luz brilhando em lugar nenhum. Ia somente soltando fumaça nele todo. E foi indo, foi indo. Levou tempo até sumir lá em cima, por detrás do morro.

— E quanto tempo durou este avistamento de vocês?

— De meia hora pra mais. Ficamos de olhar grudado nele porque a gente nunca tinha visto uma coisa assim, das mais esquisitas.

— E vocês, acreditam em disco voador?

— Já ouvimos falar, mas a gente não crê nessas coisas, não.

Impressionado com o que avistava quis sair de casa, ir para fora, a ver mais de perto. Oralina não deixou, por medo. Ficaram apenas observando. Avistaram o objeto e os contornos porque a noite estava clara.

— Era de cor cinza — confirmou Oralina. — E na rabeira tinha a fumaça, com uma coisa se mexendo igual fosse um pano esfarrapado assim, soltando pelinho e balançando no vento — tentava explicar à sua maneira.

Entendemos ter sido alguma peça ou elemento da nave com aquela função ou, do contrário, sofrendo avaria. Inclusive, Eurico nos citou outro exemplo:

— Sabe, quando você pega um pedaço de pau e põe fogo nele e sai correndo pra ver as faísquinhas voando? Era isso, mas o fogo não era de cor. E tinha fumaça nele!

— E depois?

— Depois ele sumiu por detrás daquele morro — e apontou-o. — Somente no claro do dia é que Oralina e eu fomos juntar o gado, não dando falta de nenhum deles.

Ubirajara, Luiz Petry e eu ficamos boquiabertos porque essa nave, muito próxima do chão, avistada por mais de trinta minutos e numa enorme lentidão, era acontecimento raríssimo de se ver. O assunto entrou no programa.

Considerando o Sul de Minas uma região muito fria, é comum a neblina. Se a nave soltava fumaça, também poderia estar se camuflando em nuvens de vapor. Das duas possibilidades, uma: ou ela gerava a própria fumaça no sentido de despistamento, ou estava com defeito. Não emitindo ruído, não expelindo cheiro, não possuindo luzes acesas e voando muito baixo sobre o pasto, talvez fosse um

objeto apropriado para esse tipo de missão, fazendo um levantamento do solo ou de locais para desovar algum tipo de *criatura* ou mesmo para executar qualquer tarefa específica. E no meio rural, a possibilidade de alguém avistá-la seria muito remota, com uma camuflagem perfeita nas madrugadas embrumadas.

A outra possibilidade também não podíamos descartar: a de que a nave estivesse com defeito. Quem sabe se, voando na lentidão como fora avistada, procurasse um local para o pouso, certos os seus tripulantes de que o aparelho não flutuaria por muito tempo? E a fumaça, não seria parte do defeito?

O que parecia ser um submarino, não poderia ser alguma parte danificada do objeto, desprendendo-se de um todo que não fora visto?

Não saberíamos dizer o certo, mas estava fácil refletir sobre o óbvio.

No entanto, essa segunda possibilidade, até aquele momento não a considerávamos relevante. Dai, não damos caso a princípio. Nosso raciocínio pendia mais para a primeira hipótese: a de a nave estar fazendo coletas de espécimes vegetais, animais, minerais, enfim, algum elemento do solo. Talvez até insetos, minhocas ou coisa que o valha. As possibilidades eram amplas. Ou, ainda, a das *criaturas* (a capturada pelos bombeiros e a que fora avistada pelas meninas) fossem ali deixadas com o propósito de desenvolverem algum tipo de missão que não deu certo, e que elas possam ter sido infectadas por alguma bactéria ou protozoário ou mesmo algum tipo de vírus da nossa atmosfera, não existente de onde vieram e, por causa disso, terem adoecido — porque em momento algum, tanto a *criatura* capturada como a que estivera em posição agachada e testemunhada pelas meninas, mostraram qualquer reação de defesa ou agressão.

Estávamos com a primeira hipótese, mas era necessário nos orientar no sentido de melhor trabalharmos na condução do que investigávamos. E, a princípio, nada fazia o menor sentido para nós. Por que seres de outros planetas viriam aqui para se deixarem capturar tão facilmente?

Apesar dessa indagação, estávamos plenamente concientes de que a nossa lógica poderia não se aplicar ao fenômeno.

Mas, se traçarmos num mapa uma linha reta a partir do ponto da fazenda onde moram Eurico e Oralina, veremos que numa distância de dois a dois e meio quilômetros esta mesma linha vai encontrar-se com uma floresta e, mais a uns dois quilômetros à frente, a mata que separa o bairro Jardim Andere do Bairro Santana.

Uma outra interrogação que vinha sempre à minha mente, a ponto de ser questionada com o meu parceiro nos dias que antecederam o segundo *Fantástico*, foi sobre a possibilidade — para mim óbvia — de alguém, em algum momento, e em algum lugar, haver filmado ou fotografado pelo menos uma das *criaturas*. Nada e



coisa alguma me demovia desta hipótese. Afinal, aos cuidados dos militares, tendo tido o envolvimento do Corpo de Bombeiros, da PM, do Exército, com entrada e saída por dois hospitais e, lá dentro, contando com a ajuda de médicos e enfermeiros, será que ninguém - mas ninguém mesmo - não se lembrou, em momento algum, de fotografar ou filmar? Nenhum S2 da ESA, por exemplo? Será?

Constantemente a pensar sobre isso, ocorreu-me a ideia da necessidade de obter informação correta, a despeito dos boatos.

Meu raciocínio se prendia à possibilidade de na ESA haver algum departamento ou setor que cuidasse desse particular. Devia haver, sim, tal departamento ou setor, onde alguns militares estariam encarregados de cuidar de um laboratório responsável por fotos e vídeos registrando treinamentos de tropas no Pico do Gavião para estudos posteriores, em futuras instruções; filmar equipamentos bélicos, desfiles, solenidades, etc.

E porque esse meu raciocínio estava a inquietar-me, restava a mim procurar saber, me informar sobre quem ou quais pessoas estariam encarregadas deste mister dentro da ESA.

Questionei cansativamente este assunto com o Ubirajara, deixando-o a par de meu interesse em recorrer a um dos meus informantes para me ajudarem nesta procura, presumindo que os dois militares já depoentes de nada sabiam sobre vídeos e fotografias, pois certamente teriam revelado.

Na mesma sexta-feira, dia 23, quando retornávamos de Alfenas, após nosso encontro com o Antônio Cândido de Moraes - Toninho, jardineiro da AABB, e com o casal Eurico e Oralina, já próximos de Varginha disse ao Ubirajara e ao Petry da minha necessidade de ir a Três Corações. Em Varginha eles ficariam traçando o roteiro das filmagens a serem feitas no dia seguinte, sábado, com a nossa participação: Ubirajara e eu.

Anoitecia quando, em casa de minha mãe e após ter dado alguns telefonemas, recebi um chamado de "Bruno", meu amigo, anunciando ter descoberto uma pessoa conhecida de uma outra que possuía tráfego autorizado dentro do setor de áudio e vídeo na ESA. Suspirei fundo, acometido de grande euforia e, ao mesmo tempo, inquietante preocupação em meu íntimo porque a "pessoa conhecida" - mencionada por meu amigo - não era "minha" conhecida.

— Pode me apresentar a ela? - perguntei.

— Sem problema. - E recomendou: - Você tem de se mostrar interessado em querer fazer uma filmagem qualquer, porque foi isso o que eu disse a ele. Nem que seja para uma festa em comemoração ao aniversário de alguém ou coisa assim. Concordei.

— Aguarde em casa que eu vou tentar falar com o meu amigo ainda agora. Talvez ele mesmo ligue para vocês combinarem um encontro.

Agradei num entusiasmo indescritível. Restava aguardar. Assim, cada minuto passou a ser tempo demais no relógio da sala, tornando-se uma insuportável espera longa, aflitiva, angustiosa. Procurei inventar o que fazer, mas estava impossível concentrar-me em qualquer outra atividade senão a de quietar-me no sofá da sala imaginando vãos longos no meu pensamento em risco de nuvem pelo azul do céu entardecendo no quadro da janela.

Contatei o parceiro, passando-lhe a novidade. Que ambos, ele e Petry, ficassem em alerta, porque a qualquer momento, conforme fosse o meu encontro com o militar, e se tudo corresse de maneira favorável ao nosso intento, ligaria a qualquer hora para que ambos pudessem ouvir mais um depoimento de nova testemunha.

Não tardou e quem me ligava era a terceira pessoa, amiga do meu amigo. Apresentou-se oferecendo a ir comigo ao encontro de um amigo dele, militar, que além de fazer costumeiros trabalhos de filmagens para a ESA, também prestava-se a filmar festas de casamentos e aniversários.

Marcamos para as 20h o nosso encontro. Nós nos apresentamos e partimos à procura do militar em sua residência. Não o encontrando, preferimos aguardar um pouco ali por perto. Demos umas voltas de carro e paramos num bar próximo a residência dele. Às 21h voltamos à sua casa e o encontramos. Apresentei-me e expus-lhe minha intenção de gravar um vídeo de aniversário. Muito solícito, convidou-nos a entrar. Na sala a nossa conversa se restringiu a tempo e preços de filmagens. Súbito, ergueu-se a nos convidar para irmos até um quarto onde estavam algumas fitas de vídeos, albuns de fotografias, a filmadora e uma aparelhagem de mixagem um tanto rudimentar, mas satisfatória. Ao nos mostrar um pouco do seu trabalho percebi nele um certo orgulho pelo que possuía. Perguntei-lhe se desejava tomar uma cerveja, pois havia deixado algumas latas geladas no carro e temia que elas se esquentassem. Concordei e fui até o carro buscá-las.

Passou um vídeo de formatura de militares dentro da ESA e outros, de passeios pela cidade e campo. Ao olhar o relógio eram quase 23h. Ansioso por abordar o assunto que me levava a procurá-lo, inquietava-me a ideia de, no domingo próximo, o programa *Fantástico* ir ao ar com a minha imagem e, certamente prevendo que ambos iriam ver-me com absoluta surpresa, mais que nunca precisava confessar a minha razão de estar ali. Mas, até aquele instante não encontrava meios de entrar no assunto diretamente. Ao findar a passagem de um vídeo com imagens comuns da cidade de Três Corações, comentei com displicência:

— Pois é, gravar um vídeo é muito bom. Pena é de ninguém ter estado com uma filmadora na mão quando apareceu a tal criatura em Varginha, hem? Assim já teriam acabado com toda essa polêmica.

Concordaram comigo, comentando entre eles a veracidade ou não da criatura.



TRÊS CORAÇÕES

VARGINHA

Mata onde a primeira
criatura foi capturada pelo
Corpo de Bombeiros.
Manhã do dia 20.01.96
(às 10h30)

Local onde as meninas
viram a criatura
dia 20.01.96
(às 15h30)

BAIRRO SANTANA

Local onde partiram
os militares para
uma varredura dentro
da mata.

Local onde a viatura
do Corpo de Bombeiros
estacionou, quando
da primeira captura.

BAIRRO JARDIM ANDERÉ

Casa onde moram
EURICO e ORALINA

Nave que voou no pasto
defronte a casa do casal
EURICO e ORALINA,
na madrugada do dia
20.01.96 (à 1h14)

Local onde
Pacacini
e Ubrajara
fizeram uma
vigília de risco

Local onde ILDO avistou
uma criatura tentando
cruzar a estrada.
Noite do dia 15.05.96
(às 19h30)

745

— Se fosse verdade, você que cuida dos vídeos na ESA teria tomado conhecimento. E como não o chamaram é porque não houve nada para ser filmado — disse ao militar na tentativa de que ele nos dissesse o que sabia.

— A verdade não é bem assim — comentou, terminando de beber a cerveja. — Se realmente aconteceu de ter tido algum ET por lá, não ia ser eu a filmar, porque ninguém ia ficar sabendo de nada.

— Não? — interoguei.

— De jeito nenhum. Ficaria nas mãos do serviço secreto e de altas patentes. Eles é que iriam filmar e fotografar tudo com os equipamentos de uso deles. Não iriam chamar um setor comum igual ao nosso, porque o quartel inteiro ficaria sabendo. Mas sabe o que eu acho disso tudo?

— Não, não sei.

— Esse negócio é uma grande boataria. Invenção de algum doido.

Aproveitei a deixa e, alegando o avançado das horas, além do término das cervejas, sugeri um encontro num outro dia. Despedimos-nos e conduzi quem estava em minha companhia até onde nos encontramos.

Ao ficar sozinho no carro, de retorno à casa de minha mãe, imaginei a surpresa que teriam eles dois quando me vissem domingo, no *Fantástico*. Mas foi muito pouco o imaginado. Soube, tempos depois que, naquele domingo, o militar apareceu bêbado, após a exibição do *Fantástico*, na casa do conhecido de meu amigo xingando com todos os possíveis e inimagináveis palavrões o ufólogo... que fora à casa dele.

Antes de guardar o carro ainda fiquei parado um pouco defronte à garagem. Concluí ser necessário procurar o primeiro militar já entrevistado por mim. Julguei encontrá-lo em casa àquela hora, mesmo sendo noite de sexta-feira e fosse ele solteiro. Como reside afastado de onde eu estava, ainda assim resolvi arriscar.

A casa estava toda no escuro. Bati na porta algumas vezes chamando por ele. Quase a desistir, percebi a janela se abrindo e era ele um tanto desconfiado e sem acender luz alguma. Sorri ao perceber que era eu.

— Vim avisá-lo de que a gravação que fizemos com você, vou usá-la no *Fantástico*!

— O quê? — assustou-se.

— Calma. Calma! — tranqüilizei-o. — Vou usar somente alguns pequenos trechos e assim mesmo alterando a sua voz. Ninguém saberá que é você.

— Nossa Senhora, que susto, homem! — confessou aliviado.

— Mas agora preciso de sua ajuda novamente.

— O que é?

— Dei a minha palavra de não revelar quem é você e vou cumprir sempre.

Acontece que tenho um parceiro de total confiança e estamos trabalhando juntos nas investigações. É advogado em Varginha. Junto com ele está o editor do *Fantás-*

tico, também da nossa inteira confiança. Agora, o que desejo de você é apresentá-lo a eles dois.

— No sigilo?

— Prometo. Acontece que você, estando com nós três, será mais fácil para todos retirarmos da fita somente o permitido por você ou, se a gente não conseguir, você gravará novamente e a seu modo, entende?

Por um tempo não respondeu. Ficou a contemplar a luz do poste do outro lado da rua. Quando voltou a olhar-me, disse:

— Pode falar com eles que eu concordo.

— Mas tem de ser agora.

— Agora?

— De que outra forma? Por favor! Amanhã a turma da televisão volta pro Rio.

— Olha, confiei em você e até agora não tenho razão para não confiar. Se está dizendo que são pessoas de sua confiança, concordo. E onde vai ser o encontro?

Pedi que trocasse de roupa e entrasse no carro. Fomos para outro local e liguei para a casa do Ubirajara. Quem atendeu foi a sempre paciente Angélica, na costureira delicadeza ao telefone, informando o restaurante onde Ubirajara e Petry estavam jantando. Que eu ligasse para o celular dele.

Ao atender disse-lhe que *a onça ia beber água* — jargão dos ufólogos informando que alguém iria fazer alguma importante revelação. Combinamos de encontrar-nos em meia hora num determinado lugar em Três Corações, inteiramente reservado para que ambos ficassem defronte da testemunha militar.

Chegaram em vinte minutos e dela ouviram exatamente o mesmo que haviam escutado naqueles 42 minutos de fita gravada por mim. Tão impressionados ficavam a cada resposta quanto mais resolviam inquirir o militar. Na clareza das minúcias com que ele se dispunha a estender ao máximo na intenção de dirimir quaisquer dúvidas, mais nos encantava. E durante quase duas horas puderam concluir o quanto era sério e grave o ocorrido em Varginha naquele dia 20 de janeiro, principalmente porque ali estava a confissão de quem havia tomado conhecimento do envolvimento direto na captura, às 10h30, da primeira *criatura* até então envolta numa rede... de grandes mistérios — desde sua prisão e destino.



Capítulo

5

Foi procurando provas que
encontrei dificuldades.

Diderot

Com a segunda reportagem do *Fantástico* a situação parecia mais clara para todos, embora os céticos – não só os de Varginha como os de muitos outros lugares ainda levassem o assunto na galhofa, ironizando “por que em Varginha?”

Entendemos que poderia ser em qualquer lugar, porque em qualquer lugar na face da terra ocorrem avistamentos, abduções, relatos estranhos narrados por pessoas idôneas. Na Serra do Cipó, em Minas Gerais, em ambas as margens do Rio das Velhas, ao longo de décadas, o *CICOANI* tem investigado lá, todos os meses, fenômenos impressionantes. E se fizeram presentes episódios de ordem ufológica praticamente todos os dias. Na década de 70, semanalmente acontecia algo novo, inexplicado. Cidades mineiras como Lagoa Santa, Jaboticatubas, Jequitibá, Baldim, Vila Amanda, Funilândia e muitas outras têm em seus moradores inúmeras testemunhas que também se perguntam: “Por que aqui?”

Podemos citar a reportagem do *Fantástico*, domingo, 8 de setembro de 1996, que aborda de maneira contundente a pesquisa elaborada pelos ufólogos de Sumaré, São Paulo, os irmãos Mondini (que estiveram no Sul de Minas quando das reuniões com os demais ufólogos em apoio ao incidente em Varginha), sobre o fato de uma nave – em Piracicaba, interior de São Paulo –, de formato discóide, extremamente iluminada, que chegou a pousar queimando parte da vegetação do solo, e de onde saíram três criaturas de baixa estatura, olhos grandes, orelhas também grandes e pontudas, trajando uniforme específico. Será que a população de Piracicaba não se perguntou: “Por que aqui?”

Ora, Varginha não foi escolhida por ser uma cidade especial. Nem por motivo específico algum. Apenas é uma cidade pertencente a um Estado que, por sua vez, faz parte de um País que é contexto de um mundo, o nosso, azul – visto pela primeira vez por Yuri Gagarin, astronauta (27 anos), no foguete Vostok, por uma hora e meia no espaço, em 12 de abril de 1961. Um ponto sem nome para quem vem de fora, de algum lugar onde não sabemos qual seja, nem supomos – por maior a nossa capacidade de imaginação.

Para nós, vivendo dentro da Ufologia há muitos anos, tudo se basta numa investigação inconclusa. Vamos até próximos a uma verdade com atenção, métodos de interpretação, curiosidade e vontade de nos sabermos parte de um todo universal. Apenas isto. Se as criaturas foram capturadas, ficamos sabendo porque estávamos apenas tentando levantar a possibilidade de como e o que aconteceu. E o que nos passa à realidade é a possibilidade de algo ter dado errado com os de fora. Pois foram estas as nossas vertentes naqueles momentos. Mais: porque tudo sugeria através dos testemunhos das meninas anunciando que a criatura “parecia estar passando mal, parecendo haver lutado ou se esforçado muito, pois estava com um aspecto doentio”.

Com todas essas evidências, mais agora, acentuamos a crença de que alguma coisa saiu errado na missão desses seres do espaço; e que realmente, na nossa atmosfera, algo veio prejudicá-las para – de repente – se verem numa situação desfavorável, e não podendo ser resgatadas antes de suas capturas. Vamos, no entanto, tocar neste assunto um pouco adiante.

Colhemos as imagens e sons de tudo o que até aqui foi relatado. Mas faltava para a *Rede Globo* a imagem da pessoa de Ubirajara e a minha – feitas dentro do estúdio dele, com um depoimento nosso –, para que o Luiz Petry pudesse retornar ao Rio de Janeiro, levando consigo a seara das nossas pesquisas e tendo a sua frente mais de sete horas de viagem de carro para refletir, preparar e editar o segundo programa – que, indo ao ar no domingo, dia 25 de fevereiro, literalmente repercutiu como uma bomba Brasil afora, a ponto de nenhum de nós imaginar que, se antes o programa tinha 36 pontos de IBOPE, passou para 42 naquela noite.



E, na explicação feita pelo Luiz Petry, um ponto de IBOPE representa 800 mil pessoas! Assim, considerando que 36 pontos equivalem a 28.800.000 de pessoas conectadas na tela da *Rede Globo*, e, computando mais 6 pontos arrebatados com o programa do *Caso Varginha*, somam-se 2.400.000, perfazendo um total de 32.000.000 milhões de pessoas ou mais. É como se toda a população de vários países pequenos – agrupados – estivessem assistindo em *cadeia nacional*.

E o telefone, este não parava mais de tocar. Eram rádios, jornais, entrevistas ao vivo e pelo telefone mesmo. Um caos!

Espectadores na poltrona, assisti ao programa junto com o Ubirajara, em Varginha. Da tensão em que nos encontrávamos passamos ao júbilo. Luiz Petry conquistou-nos a todos por ter tido um grande comportamento profissional, estando na nossa mais irrestrita confiança. Diria mesmo que ficamos devendo muito a ele, porque teve a coragem necessária para abordar um assunto que tem sido quase sempre conduzido pela imprensa – de um modo geral –, de maneira das mais imprecisas e inadequadas, contendo inserções de invencionices, credos do sobrenatural, esoterismos, mentiras, exageros, místicas, folclores... o que, com o trabalho dele, nada disso ocorreu, reportando-se aos fatos e atendo-se à honestidade das testemunhas, e ao esforço do nosso trabalho em busca do mais sério documental na história da Ufologia brasileira e... porque não dizer, mundial?

Após a apresentação do *Fantástico* e nos dias seguintes, houve um alvoroço geral, não somente em Varginha, mas também em diversas cidades do Sul de Minas. Tivemos a oportunidade de constatar um imenso número de avistamentos que já estavam ocorrendo dias anteriores ao aparecimento das *criaturas*. Talvez porque as pessoas não tinham a quem contar sem que fossem ridicularizadas e, ao depararem o noticiário e compreenderem a seriedade com que é levado o trabalho dos ufólogos, começou a surgir uma enorme quantidade de depoimentos a nos deixar – Ubirajara e eu – perplexos devido a tamanha solicitação de nós dois. Eram pessoas de diversos níveis sociais encorajadas a nos chamar.

Saíamos do nosso *quartel general*, que passou a ser o escritório do Ubirajara, a cada hora, às vezes seguindo rumos até diferentes para atender a chamados. Havia momentos, no entanto, em que Ubirajara, sendo um advogado na área trabalhista, muito conceituado na cidade, não podia sobremaneira deixar de também atender seus clientes em audiências na Justiça do Trabalho, como a estudar processos ou fazer petições. Assim, tive de assumir sozinho o controle das entrevistas e pesquisas, preparando relatórios, mapas com os roteiros de visitação às pessoas que nos ligavam, e estabelecer contatos com os ufólogos de toda parte sempre nos ligando para pedir informações. Muiíssimo importante foi o apoio que

deram a mim as secretárias Celmeiri Bonifácio e Geani Ferreira, ambas competentes funcionárias do escritório de advocacia, sempre voluntárias a nos ajudar, tanto que é meu dever deixar aqui registrada a minha gratidão a elas.

Nas costumeiras viagens a várias cidades, vilas e lugarejos, num raio de 150 quilômetros ao redor de Varginha, com a gentil Angélica passando recados ou informações pelo celular, gostávamos de relembra músicas que marcaram nossa época de adolescentes – sendo ele dez anos mais velho do que eu.

Discorríamos sobre os bailes nos clubes sociais, as orquestras como Cassino de Sevilha, Waldir Calmon e outros, além dos inúmeros discos de conjuntos famosos tocando nas casas de amigos quando em festinhas nas tardes domingueiras. Bee Gees, Elton John, Rod Stewart, Electric Light Orchestra, a banda Backman Turner Overdrive (e mais para a década de 80 o Grupo Toto) e uma série de outros entre baladas, blues, rock. E muitos desses discos eram conseguidos em Belo Horizonte através de amigos que os remetiam até pelos correios dada a dificuldade de chegarem às cidades interioranas as novidades e os lançamentos.

Mais que vaidade para muitos, era um tempo também de aprender música para tocar algum instrumento. Ninguém da minha turma, que eu saiba, tornou-se um virtuose. No entanto copiava-se um ritmo no violão inspirado pela bossa nova. Alguns acompanhamentos na guitarra tirados de certos conjuntos ou bandas. Alguns estudavam *acordeon* pelo método de Mário Mascarenhas. Das moças, havia quem arriscasse tocar piano. E tendo tido um contato com vários instrumentos, a eles me apeguei e mesmo hoje gosto de tocar apenas pelo prazer sempre renovado que a música proporciona-me no enlevo da emoção.

Cantarolando algumas canções, comentando sobre as orquestras, dos movimentos da Bossa Nova e Jovem Guarda, ríamos dos nossos acanhamentos e das grandes conquistas, não passando de olhares furtivos e uma ou outra dança, se os mais velhos que nós, de rostos espinhentos, tinham maiores privilégios e melhores conversas triviais. Foram ótimos estes poucos momentos em que podíamos nos arrefecer da jornada estressada do vai-e-vem à procura de testemunhas, casos, informações. E sobre os sucessos das décadas de 60 e 70 (agora relançados dada a pobreza musical dos dias de hoje), ficávamos a desafiar um ao outro na lembrança dessa ou daquela música para cantarmos, ainda que desafinados, enquanto olhávamos a estrada serpeando à nossa frente.

Não havia mais, em Varginha, quem não soubesse do ocorrido. O comércio tornou-se assunto do dia. De tudo sabíamos um pouco. *Sinal dos tempos*, *Fim do mundo*, diziam os crédulos. *Invencionices*, *fantasia*, alardeavam alguns. *Falta do que fazer*, *brincadeira de mau gosto*, outros sorriam, com ironias e gracejos. Mas também havia aqueles seriamente interessados em pelo menos *compreender* o que estava de fato ocorrendo.



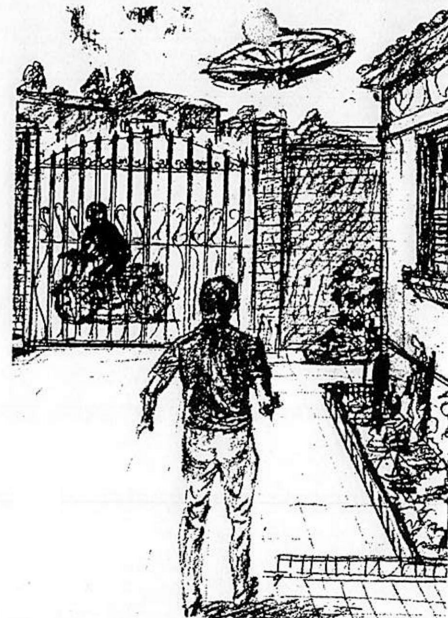
E a tudo dávamos atenção ainda que nos sobrecarregasse um cansaço brutal nas idas e vindas, a ponto de num só dia irmos a quatro cidades: Monsenhor Paulo, São Gonçalo do Sapucaí, Campanha e Três Pontas – próximas umas das outras – é verdade, mas ao encontro das muitas pessoas nos chamando para contar fatos, relatar histórias e até quem apenas queria nos inquirir sobre o acontecimento, para fazer – inclusive – preleções religiosas ou místicas! Outras, avistando o planeta Vênus, muito visível naquela época, acreditando ser um objeto voador que “permanecia no mesmo lugar”. A isto, devido ao fato de não estarem acostumadas a olhar para o céu e notar certas ocorrências naturais no espaço, concluindo à maneira delas que a passagem de nuvens na frente de Vênus ou de alguma estrela mais iluminada, criava a sensação de que o objeto “apagava” e “acendia”. Assim, num percentual de 99% do que foi visto não correspondia a expectativa de ser um OVNI. Porém, não quer dizer que não tenha acontecido. Pelo contrário.

Nos dias 13 e 16 de fevereiro foram muito acentuados os avistamentos. Tendo a oportunidade rara de tomar tantos depoimentos e colher relatos, ainda assim solicitávamos a todos que também recorressem à rádio e às repetidoras do SBT e da Globo locais, pois tínhamos os canais abertos e nós mesmos conduziríamos as testemunhas – mesmo que não desejassem ser identificadas publicamente. Esta preocupação nossa em sugerir o anonimato se deve à dificuldade inerente às testemunhas estarem sempre com medo de caírem no ridículo perante a população. Percebíamos – como sempre entendemos – esse temor quase uníssono das pessoas tanto civis quanto militares, com elevado grau de instrução ou mesmo nenhum. Mas houve, sim, e muitos, os relatos que nos conduziram à certeza de pessoas que avistaram OVNI's. Podemos citar um vendedor de carros – tanto ele quanto a esposa – que ficaram extremamente apavorados ao avistarem um objeto voador aproximadamente a cem metros de altura sobre a casa deles e que não quiseram prestar melhores esclarecimentos num depoimento a público, com medo das represálias dos ET's em suas vidas. Dizia ele:

— Eu tô com muito medo! Eu tô com muito medo!

Ao viajarmos para Campanha, o senhor Norberto de Souza nos contou que, de madrugada, avistou uma nave pairada sobre sua casa, a tempo de chamar a esposa, a sogra, depois os familiares para avistarem-na a cerca de duzentos metros de altura, aproximadamente.

Outra informação prestada foi a de duas senhoras, Solange de Faria Junho (corretora de seguros) e Sandra Aparecida Ribeiro (vendedora), viajando pela rodovia Fernão Dias, de São Paulo para São Gonçalo do Sapucaí, cidade esta distante uma hora de Varginha, foram seguidas por um objeto luminoso durante quarenta minutos na estrada, a ponto de causar nelas terrível pressentimento de que seriam abalroadas, pois o objeto voava de um a outro lado do carro e sobre ele, numa aproximação quase rente. Às vezes tomava distância, retornando a compor-



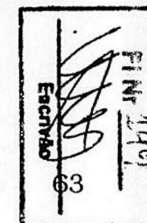
— Eu tô com muito medo! Eu tô com muito medo!

tar-se do mesmo modo. Ao chegarem a São Gonçalo do Sapucaí, exaustas pela ansiedade e pânico, e havendo o objeto desaparecido num átimo de tempo, algumas horas depois puderam avistá-lo novamente pairando sobre a casa delas; dando-lhes a oportunidade de chamar toda a família para o quintal a testemunharem, além de ouvirem um som igual ao de um chicote girando no ar e o piscar de luzes vindo do objeto e que, numa fração de segundo, desapareceu por dentro da escuridão.

Em Alfenas estivemos com o senhor José Batista, que faz manutenção em máquinas de lavar. Contou-nos que viajava durante o dia para atender um cliente em Fama, distrito de Alfenas. Retornando à noite, avistou um objeto de luz roxa tendendo a violeta, que se colocou ao lado direito do carro em movimento. Naquele instante aproveitou para chamar a esposa, Helena, pelo rádioreceptor avisando seu regresso e falar sobre o que presenciava. Mas ocorreu uma estática



Norberto de Souza,
de Campanha
(foto capturada de vídeo)





José Batista,
de Alfenas
(foto capturada de vídeo)



Solange de Faria Junho e Sandra Aparecida Ribeiro
(foto capturada de vídeo)



enorme deixando somente um ruído até emudecer por completo. Neste momento percebeu o motor rateando e sentiu os cabelos dos braços e da cabeça se arrepiando, além da sensação de todo o corpo inchar, e as pontas dos dedos ficarem fluorescentes por instantes, até retornarem ao normal, quando o objeto afastou-se dele e desapareceu pela margem da estrada.

Também investigamos o caso ocorrido em Monsenhor Paulo, distante 16 quilômetros de Varginha, onde se vai por uma estrada de terra e o prefeito Walter Xavier da Silva (Valtinho) tem uma pequena, mas muito bonita fazenda afastada a somente 6 quilômetros do centro. Lá chegando, numa noite do mês de março, e antes de colocar o carro no galpão que serve de garagem defronte à sede, ele avistou uma luz amarelo-ouro sobre uma colina, a 400 metros de distância, não estando presa a nenhum poste devido à altura em que se encontrava. Brincou com a esposa a observar aquele ponto luminoso ser aquilo um avião. "— Mas avião parado?", ela respondeu. Como repercutia a notícia das *criaturas* de Varginha, ainda comentou num sorriso que era o ET! A esposa riu. Querendo chamar o capataz para também participar daquele avistamento, resolveu dar uma ré, posicionando-se de forma que a luz amarelo-ouro passou a ficar à sua frente. Novamente brincou com a esposa: "— Se aquela luz é do disco voador do ET, então vale um contato com ele!" — e acionou o pisca-alerta do carro e, em seguida, o comando luz-alta, luz-baixa nos faróis. A luz amarelo-ouro também piscou. Resolveu fazer de novo por duas vezes e duas foram as piscadas da luz que iniciou um vôo de aproximação por sobre a colina, indo em direção a eles. Num susto, Valtinho acelerou o carro

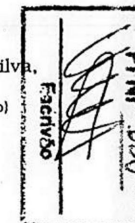
entrando para a garagem, embora sua esposa quisesse observar. Caminhando apressados para entrarem em casa, confirmaram a presença do estranho objeto pairando sobre os eucaliptos a setenta metros de onde estavam.

A nós eles disseram da aparência de um ônibus, porém com as beiras arredondadas e que as luzes amarelas estavam muito nítidas. Nenhum ruído, a não ser quando decidiu partir emitindo um som igual ao arranhar na caixa de câmbio quando se vai passar a marcha no carro. E, ganhando altura, desapareceu em alta velocidade.

Ao nos contar este fato, mostravam-se assustados em cada parte da narrativa. Aproveitamos para confirmar as distâncias dos locais mencionados e filmarmos, além de fotografarmos mais estas testemunhas.



Prefeito
Walter Xavier da Silva,
em seu gabinete
(foto capturada de vídeo)



Estarrecedor foi chegar ao nosso conhecimento a notícia de que, no dia 5 de março, ou seja, 16 dias após a captura de uma *criatura* pelo Corpo de Bombeiros, e o avistamento de outra *criatura* por parte das meninas, um militar entrou em contato telefônico com o editor do SBT local, anunciando estar de posse de seis fotografias e um filme gravado sobre a *criatura*.

Anunciava-se disposto a "vender" o material por R\$ 30 mil. O repórter solicitou um prazo de três horas, tempo suficiente para aguardar a autorização de um dos diretores da empresa.

Passadas as três horas, o militar voltou a ligar e negociou um preço bem menor: R\$ 10 mil pela entrega do material. Marcaram o encontro para a noite daquele mesmo dia, numa praça afastada do centro da cidade.

Com 20 anos aproximados, o militar chegou muito nervoso ao encontro, dizendo-se parente de quem fizera o primeiro contato com o repórter, e justificando serem ambos alunos da ESA onde tiveram a oportunidade de filmar e fotografar a *criatura*. Mas, naquele momento, ao se encontrar com o repórter sem a companhia do parente, o fazia para contar que a mãe do outro, sabendo de que havia um plano de venda do material para a TV, estava nervosa demais e com medo não só da repercussão; porém, muito mais pelo que adviria daquela atitude, já que o marido dela também era militar.

Descreveu ao repórter como fora feita a tomada das filmagens e das fotos, contando jamais ter visto nada igual. Tanto era a impressão causada ao avistar aquela *criatura* que não conseguia dormir havia três noites. Disse da pele oleosa, das grandes veias, dos olhos arregalados, duas narinas sem o nariz e, uma boca muito fina. A *criatura* encontrava-se dentro de um ambiente fechado e amarrada no que parecia ser uma mesa, mas não sabia ao certo por que estava coberta com um pano.

À medida que o jovem militar contava, tentando controlar o nervosismo, o repórter - que até então duvidara do que se comentava em Varginha, tamanhos os boatos havidos em disparates (e por ele mesmo não ter tido o tino de jornalista nem de repórter para ao menos refletir que os ditos populares sempre existiram porque nascem de uma verdade-verdadeira..., e onde há fumaça é porque há fogo... e onde há boatos é porque existe uma verdade escondida em algum lugar...), começou a crer que algo realmente muito sério acontecera. E somente começou a acreditar porque, mesmo prometendo sigilo absoluto dos nomes dos dois militares quando houvesse a entrega das fotos e do filme... no seu íntimo ainda julgava não passar tudo aquilo de conversa fiada por parte de um jovem... apenas querendo extorquir alguém.

No horário combinado para o novo encontro o militar não compareceu ao local. Somente à noite ligou para a televisão marcando um outro ponto na manhã seguinte, e que fosse ao meio-dia. Estava mais agitado que antes. Tinha a aparência nervosa, olhava para os lados a todo instante, deixando transparecer um medo de estar sendo seguido estampado nos olhos. Disse que na noite daquele primeiro encontro, soldados da ESA estiveram na casa do parente, forçando-o a entregar o material. Em seguida levaram-no detido para a Escola. Tudo isso, entenda-se, porque o pai do parente era também militar e havia informado a ESA.

Até aqui a história foi contada à maneira que soubemos pelo próprio jornalista. No entanto nos deixa uma oportunidade para opinar sobre a existência

ou não de fita e filmes da *criatura*. Sabendo que o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar, os médicos, os enfermeiros, os soldados da ESA, os 52 e outros que estiveram diretamente lidando com a *criatura*, será que ninguém teria feito sequer um registro? Nenhuma foto? Nenhum filme?

No nosso entender é óbvio que a oportunidade não passou despercebida no meio de tantas pessoas. Fotografada ou filmada - certo é que, mais dia menos dia, conseguiremos ver e mostrar ao mundo o filme ou as fotos, ou os dois ao mesmo tempo. Estivemos próximos mas, por inexperiência de um repórter que independentemente de saber lidar ou não com o assunto de que trata a Ufologia, tendo dois encontros com o jovem militar, demonstrou a todos nós não ter tido a mínima intuição para, num momento como este, e, na possibilidade única de negociação para colocar as mãos num documento de repercussão mundial...; deixou-se ficar em si mesmo como marionete da dúvida, no "*mal-me-quer, bem-me-quer*", a despetalar sua própria mediocridade no ainda titubear do "*é-verdade... não-é-verdade*"... enquanto o militar sumia!

67

67

Escritório

Capítulo

6

*O inconsciente pode
reservar as mensagens
essenciais para os ouvidos
que se sabem por a escuta.*

Jung

Entrávamos no mês de abril, quando decidimos marcar uma primeira reunião com os ufólogos que nos ligavam periodicamente e a quaisquer outros se estivessem interessados.

Aconteceu num final de semana, quando se deslocaram para Varginha., Claudeir Covo, Edison Boaventura Júnior, Jamil Vila Nova, a Norma, grupo CISNE, presidido pela professora Irene Granchi, Marco Antônio Rodrigues da Silva, os irmãos Mondini – Oswaldo e Eduardo, ou seja, os grandes expoentes da Ufologia brasileira, faltando, por motivos particulares, Marco Antonio Petit de Castro e A. J. Gevaerd – editor da revista UFO. De outras regiões como o Norte e o Sul, grandes nomes da Ufologia brasileira não vieram somente por questão de distância e tempo.

Nesta reunião esboçamos a eles o que de concreto tínhamos em nosso poder e o que estávamos sabendo. Apresentamos a Kátia, a Valquíria e a Liliane, a quem puderam entrevistar, acompanhando-as também ao local do avistamento da criatura, com elas repetindo os mesmos dizeres mencionados em inúmeras entre-

vistas para jornais, revistas e canais de televisão. Em momento algum detectaram nelas sinal de hesitação. Percebiam que nada lhes era contraditório. Também tivemos a oportunidade de recapitular o nosso contato com a primeira testemunha militar e o histórico de como a consegui.

Novamente tive dúvidas se deveria ou não mostrar a fita para que todos ouvissem o depoimento do militar. Às vezes, de modo até não intencional, um pesquisador pode comentar um fato com a esposa e sugerir segredo. Não um segredo abissal. Um segredo de evitar comentários. Mas ela conta para a irmã, na intimidade familiar, e também pede segredo. Assim, o *segredo* vai caminhando inocentemente de boca em boca até abrir-se num canal de identificação da testemunha.

De novo estava defronte da mesma dúvida ocorrida quando da necessidade de mostrá-la ao Luiz Petry. Deveria abrir nova e igual discussão com o Ubirajara? Uma fita de 42 minutos altamente reveladora sobre quem era o depoente, além da outra fita onde um segundo militar contava sobre o Serviço Secreto da ESA, deviam ser expostas? Concluí que não.

— E se quisessem cópias da fita? — perguntei ao Ubirajara. — A sua divulgação seria um sucesso, mas eu estaria desacreditado perante as pessoas que confiaram a mim os seus depoimentos, assim como eu próprio estaria responsabilizando-me pelo que viesse acontecer física e moralmente a eles.

Ubirajara ponderou comigo relevando a presença de todos muito dignos. Naquele momento, pelo fato de não conhecer nenhuma daquelas pessoas até então,



Jamil Vilanova, Ubirajara, Edson Boaventura, Eduardo Mondini, Oswaldo Mondini e esposa, Claudeir Covo e um amigo de Ubirajara



e por melhor que estivessem referendadas, mineiramente optei por resguardar as minhas testemunhas no devido sigilo.

Concluimos, no entanto, que apenas a um deles poderíamos mostrar as fitas com os depoimentos dos dois militares. Ainda assim, com reservas. Confiámos ao Claudeir Covo a oportunidade de ouvir, considerando seus 35 anos de casos investigados, e do crédito de milhares de horas em vigília ufológica em diversos pontos do território nacional e pelo fato de que o Ubirajara já o conhecia há mais de 15 anos.

Concordei, pois afinal ninguém é proprietário de fenômenos aéreos não identificados, de discos voadores, de extraterrestres. A não ser as Forças Armadas... que ironicamente esboçam - através do poderio bélico - a petulância de se acharem proprietárias do mundo-da-força... e donas, exclusivas, de extraterrestres!

Claudeir ficou deveras impressionado após tomar conhecimento dos fatos e dos depoimentos. Fizera-o a um canto do escritório, a portas fechadas, inteirando-se dos depoentes e que, como nós, também se comprometeu em manter estas fontes sob honrado segredo.

Enquanto eu o observava, de atenção aguçada ao que ouvia, de repente me veio à lembrança uma antiga leitura histórica sobre José Bonifácio de Andrada e Silva ao avisar a Dom Pedro II de que, se ele não colocasse a coroa na cabeça, certamente outra pessoa o faria.

A princípio não estava compreendendo o porquê daquela lembrança, nem o que ela sugeria assim, de tão retiscente. E foi justamente isso que passou a incomodar-me durante várias horas, até que, num repente, compreendi a simplicidade do meu medo inconsciente:

A cada instante estávamos passando para os repórteres, ufólogos e até mesmo curiosos, informações corretas e sempre novas, resultantes do nosso



Da direita para a esquerda:
Vitorio Pacaccini,
Claudeir Covo e
Ubirajara

trabalho de campo, as quais iam se somando às entrevistas, aos depoimentos, às fotografias, às fitas gravadas e filmadas, tornando-se num dos mais sérios dossiês existentes sobre captura de extraterrestres no mundo.

Conseguíamos inverter a compreensão deste acontecimento perante a população - anteriormente cética e que a tudo ironizava -, mostrando a todos, através do nosso trabalho e pela inserção de dados sempre atualizados, a seriedade da investigação de que estávamos imbuídos, além da exposição de motivos lógicos referendados à opinião pública sobre algo de muito sério acontecido em Varginha.

Com este acontecimento - que nos levou à realidade indiscutível sobre as criaturas em Varginha -, percebi que não havíamos feito sequer uma cronologia de toda a ocorrência até aquele momento. Necessária, inclusive - ainda que à guisa de memorização -, para que em momento algum não houvesse incoerências no andamento das investigações. Expus ao meu parceiro, e iniciei as providências necessárias.

Preocupava-me, assim, do nosso trabalho - ao ser disseminado -, sofrer todo tipo de deturpações não houvesse um critério de triagens absolutamente honesto para somente informar à imprensa toda e qualquer notícia, desde que esta fosse passível de comprovação. Caso contrário, um acontecimento de tal ordem, estando em meio a boatos e ao bel-prazer de cada repórter, dos místicos, dos pretensiosos ou escrevedores de fins-de-semana, pois certamente estes é que irão selecionar o lixo cultural em recortes de jornais, incluindo crônicas, notas de rodapé, e poemas (!), numa salada de arrepiante sabor comercial... simplesmente aproveitando a onda do "ET de Varginha"...

Ainda na parte da tarde, consegui apresentar o doutor "João Pedro" à maioria dos ufólogos, cientista da Unicamp que eu havia conseguido contactar, e fora a Varginha somente para este encontro. Em palestra por ele proferida no auditório, solicitei à platéia que seu nome não fosse ventilado fora daquele recinto.

Discursou sobre o Projeto Genoma - o mapeamento do DNA humano - percorrendo, também, sobre o DNA mitocondrial. Solicitado por mim, falou sobre a evolução da raça humana desde as suas remotas origens, explicando cientificamente que a espécie Homo Sapiens está bem confirmada dentro deste quadro evolutivo. Sendo assim, no meio científico não se vislumbra a interferência genética de seres extraterrenos na evolução da espécie humana..

Lamentou não terem sido colhidas amostras no local onde a criatura foi vista pelas meninas, nem da vegetação, nem do solo, nem mesmo do próprio ar - se o cheiro era muito forte segundo a dona Luísa que lá estivera instantes depois. Finda a sua palestra e após ter sido muito cumprimentado, fui com ele e coletamos - mesmo alguns meses depois - amostras de solo e vegetação, na garantia que ele nos dera da possibilidade de haver vestígios microscópicos no local.



De retorno à Unicamp tentou encaminhar as amostras para análise, não obtendo êxito porque todos os reagentes químicos e maquinaria importados por altos custos, necessários às análises, estavam requisitados por uma equipe formada com cientistas de várias áreas trabalhando em sigilo que somente mais tarde viria ao nosso conhecimento. Mais: pelo fato de que suas requisições, chegando ao conhecimento da direção da Unicamp, automaticamente seriam embargadas se saberiam elas a finalidade e o porquê daquela solicitação.

Não fosse a seriedade - devo repetir - com que fazíamos a triagem dos relatos em torno dos acontecimentos (afastando o irreal, o fantasioso, até a mentira por vezes); todas as informações que passávamos para serem veiculadas nos jornais, rádios e televisão eram pautadas dentro do absoluto discernimento sobre o que era fato-verdadeiro e o que possuía aparência-de-verdade. Assim, o nosso trabalho de anos em pesquisa ufológica resultava em credibilidade a cada dia maior e suficiente para que outros pesquisadores soubessem do nosso envolvimento, acreditassem em nós e nos procurassem, intencionados em prosseguir conosco nas pesquisas. Fosse o contrário, certamente Ubirajara e eu estaríamos ridicularizados em risadagens vexatórias, taxados de irresponsáveis sobre assunto tão sério.

Fazíamos o melhor que sabíamos, conscientes de estarmos no rumo certo da verdade. No entanto tivemos a oportunidade de perceber, em vários momentos, o quanto o individualismo dos ufólogos prejudica o próprio trabalho de pesquisa. Compreendemos, também, como a vida de cada Grupo é solitária, protegida em redomas, amealhando somente para si o que fora diamante colhido na bateia das pesquisas, assim como se tivessem vindo das águas de um rio somente deles, e de uma fonte única a jorrar do espaço sideral todos os fenômenos à acolhida de alguns poucos privilegiados.

Delicado é este assunto, mas deve ser mencionado apenas como um lembrete nosso sobre o que podemos chamar de tola ciúmeira esse individualismo tão comum e por demais persistente entre os ufólogos. Como crianças incompreendidas e por se julgarem donos de determinadas hortas para os seus trabalhos de pesquisas de campo, eles sabem muito bem como embirrar ante ao acolhimento de anotações ou de materiais feitos por outrem, se não puderem - cada um, individualmente - guardá-los como se fossem somente suas prendas aquelas preciosidades. Outros, mais radicais, preferem arquivar tesouros particulares no intuito de, ao obstacular, apenas por satisfazer-se em estar afastando as pesquisas paralelas de outros grupos, de outros ufólogos, de todos os que - estando na mesma área de trabalho - procuram apenas uma resposta em meio aos milhares de pedaços às tantas e inquietantes perguntas sobre a vida lá fora.

Concluimos, pois, em nossa reunião, sobre a urgente necessidade de todos os ufólogos brasileiros unirem seus trabalhos, trocarem informações, somarem conhecimentos. Enfim, estarmos próximos da grande verdade, qual seja, a de que,

se não estamos sozinhos no universo... que pelo menos não fiquemos sós aqui na Terra.

Ainda em abril, logo após o encontro com os ufólogos, conversei com a americana Cynthia Newby Luce, mestre em Antropologia e Psicologia pela Universidade da Pensilvânia e residente no Brasil há 20 anos. Grande amiga em prazerosas correspondências e telefonemas.

Do jornalista e escritor americano Bob Pratt, formado em Washington, co-autor do livro *Night Siege* (Cerco Noturno), juntamente com o professor J. Allen Hynek, cientista e maior ufólogo americano - falecido na década de 70, fundador do Centro J. Allen Hynek Para Estudos de Ufós, em Chicago, Illinois -, também tive notícias.

Ufólogos reconhecidos mundialmente e profundos conhecedores da Ufologia brasileira, por coincidência ambos queriam saber sobre os acontecimentos de Varginha. Amigos meus de longa data, desde quando fomos juntos à Serra do Cipó, em expedição do CICOANI e que, naquela ocasião, Cynthia representava a instituição americana Mutual Ufo Network (MUFON), que é uma rede mundial de troca de informações ufológicas.

Ainda que residente no Brasil há tantos anos, Cynthia não possui o completo domínio do nosso idioma, e Bob Pratt, muito menos, sempre residente nos Estados Unidos. Assim, contei-lhes por telefone e em inglês - idioma com o qual tenho estreito contato - todo o ocorrido em Varginha, mencionando os depoimentos dos que viram a criatura sendo capturada; os do avistamento de outra criatura ocorrido com as meninas Valquiria, Kátia e Liliane; a presença dos militares na cidade, enfim, consegui fazer de modo claro o mais completo resumo até aquele momento.

No dia seguinte, Bob telefonou-me, informando sua vinda ao Brasil. Alegrei-me por tê-lo em minha consideração pela invejável cultura ufológica. E combinei com a Cynthia que o esperasse no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro. Achei ótimo e os fiz ciente de que seguissem para Três Corações, onde os receberia em casa de minha mãe. Imediatamente liguei para o Ubirajara,



Professor J. Allen Hynek

WHAT IS GOING ON?

NIGHT SIEGE

The Hudson Valley
UFO
Sightings

Dr. J. Allen Hynek and Philip J. Imbrogno
with Bob Pratt

ISBN 0-89604-100-0

avisando-o sobre a chegada dos dois ufólogos americanos. A Cynthia, ele a conhecia pessoalmente. Faltava conhecer o Bob.

Finalmente, o casal em Varginha! Junto com eles, também a imprensa, o rádio, a televisão. Acompanhei-os no vaivém dos lugares das ocorrências, nas apresentações a Kátia, Valquíria, Liliane e a mãe Luisa. Nas entrevistas, de um modo geral, fiquei como intérprete. No meu íntimo estava contente com o resultado advindo da honestidade do nosso trabalho, quando traduzi para eles, inclusive, os depoimentos dos militares.

No momento em que estávamos no carro, o celular tocou. Era Angélica, eficiente como sempre, a nos informar sobre quatro estranhíssimos senhores, muito bem-vestidos, mas à maneira dos agentes do FBI na década de 50, saindo de um carro importado e batendo à porta de casa.

Fomos averiguar e tratava-se do físico Aldo Novak, paulista, 33 anos, e mais três companheiros, membros do Clube de Ficção e Divulgação Científica Frota Estelar Brasileira, com sede em São Paulo, onde milhares de associados (os *Trekkers* - fãs do seriado *Star Trek* (Jornada Nas Estrelas) usam uniformes da USS ENTERPRISE "corajosamente indo aonde nenhum homem jamais esteve"... e, ainda, vice-presidente do Clube Arquivo X Brasil (clube advindo da coqueluche brasileira dos fãs que assistem ao seriado americano *Arquivo X*, apresentado pela Rede Record e no canal pago Fox, semanalmente contando histórias sobre aparições de OVNI's, alienígenas e, óbvio, sobre governo e militares tramando suspenses por esconderem informações... (no seriado, ao casal do FBI, Fox Mulder / David Duchovny e Dana Scully / Gillian Anderson) -... mas, na vida real, o mesmo ocorrendo com qualquer cidadão do mundo!

E pelo mesmo processo de visitas e entrevistas, Aldo e companheiros quiseram ouvir as fitas com os depoimentos. Preferi que não. Julgamos mais acertado alongarmos as explicações, de tal forma que fosse possível o maior e mais completo entendimento das circunstâncias.

No entanto, embora tenham demonstrado estarem satisfeitos após ouvirem a nossa explanação - apenas não sendo possível a eles a audição das fitas -, na oportunidade Novak e seus companheiros declararam apoiar e reconhecer o valor dos nossos trabalhos, oferecendo-nos a oportunidade de nos reportar aos membros do Clube, quando de um primeiro evento em São Paulo.

Satisfeitos pelo passeio e por desfilarem garbosos e faceiros com as roupas de agentes da ficção científica americana, retornaram à capital paulista, embarcados numa importada nave terrestre, de quatro rodas,... para que o próprio Novak declarasse à revista *IstoÉ* (1401 - 7/8/96) que "os militares estão escondendo algo por lá. Pode não ser um ET, mas há algo estranho"; deixando com isso transparecer que, apesar dos pesares, e ainda assim não estar convencido de ser ou não autêntico - segundo o próprio texto da revista - o caso de Varginha, considerado hoje o mais importante da Ufologia brasileira.

Para nós, ufólogos, tal declaração não nos importa, desde que todo o acontecido continue como um bom pretexto para que o Novak possa permanecer na pele do oreilhudo Spock... logicamente!

Após os pareceres altamente favoráveis na avaliação sobre o correto comportamento psicológico de Kátia, Valquíria e Liliane - defronte das câmaras, microfones e repórteres ávidos por notícias, haviam passado cinco dias que desfrutávamos da companhia de Cynthia e de Bob.

Não havia mais dúvida pairando no ar sobre a veracidade dos fatos. A população, de um modo geral, e toda a imprensa entendia que realmente estava acontecendo algo muito sério no Sul de Minas, e que o caso *Varginha* não estava tendo nenhum tratamento diferenciado por parte dos militares. Pelo contrário, toda aquela movimentação sub-reptícia no dia 20 de janeiro, fazia parte de todo um contexto mundial de acobertamentos por parte dos militares - o que não é nenhuma exclusividade no Brasil.



O Físico Aldo Novak,
fã de *Jornadas nas Estrelas*
e *Arquivo X*

75

Até aquele momento já havia abordado outros militares, que acrescentaram muitas e valiosas informações, não só pertinentes ao desempenho do Corpo de Bombeiros, quanto à Polícia Militar e também ao Exército. Independentemente dos meus contatos, algumas vezes tentava eu mesmo. Tínhamos várias pistas e informações. Sabíamos da existência de todo um processo de acobertamento, não somente pelo fato da participação direta dos militares negando seus envolvimento; também pelo enorme risco a que estava sujeito o militar se fosse identificado publicamente.

Assim, agíamos com o máximo cuidado na procura de algum outro militar que se prontificasse a nos ajudar. Como o Ubirajara é muito conceituado em Varginha por ser uma pessoa merecedora de grande estima, corriamos perigo, se alguém ao menos percebesse que estávamos à procura de depoentes militares, quando saíamos a andar de carro pela cidade com roteiro ignorado até mesmo dos que ficavam na retaguarda, no escritório. Tentávamos o melhor despistamento possível, fosse o que estivessemos fazendo havia sempre alguém da imprensa a nos rodear.

Quando Cynthia e Bob manifestaram o desejo de estarem em Belo Horizonte para tomarem conhecimento das últimas descobertas do CICOANI, tendo eu de ir também, por razões particulares, e a olhar meu apartamento fechado, com taxas de condomínio, conta de luz e telefone, Cynthia e Bob vieram comigo.

Desejosos, ainda, de estarem em contato com o professor Húlvio, pedi ao mestre para que, na medida do possível, organizasse a mostragem dos novos e inúmeros casos ufológicos, na intenção de que o casal se inteirasse dos trabalhos do CICOANI, pois havia dois anos que eles tinham estado conosco pela última vez, pois o fizeram a primeira em 1992, quando, inclusive, era eu que fazia as traduções e agilizava as conversas e, a segunda, da mesma forma em 1994.

No entanto, como já estava há mais de dois meses fora de Belo Horizonte, sentindo os poucos membros do CICOANI afastados do que se passava no Sul de Minas, se nenhum deles – e em momento algum – houvesse demonstrado interesse em colaborar, de alguma forma, com as minhas pesquisas e, menos ainda, de se deslocarem até Varginha. Mais: percebia, com clareza, o desagrado deles porque eu estava divulgando as informações de minhas pesquisas nos jornais e televisão e não ao grupo, pois este, acostumou-se – equivocadamente – a ter o professor Húlvio como o seu porta-voz. Assim, comeci a compreender a distância que havia entre eles e mim. Se antes, alheios aos acontecimentos, isso vinha causando em mim certa estranheza, também depois a mim não causava surpresa compreender desde algum tempo que o CICOANI – muito atuante e organizado no início de sua fundação – está resolvido a quietar-se sobre os resultados de longas e exaustivas

pesquisas realizadas e delas ninguém mais tomando conhecimento, porque se tornava patrimônio de poucos ainda pertencentes ao CICOANI, jamais havendo uma consistente divulgação em jornal, revista ou livro. E quando algumas vezes ocorria eram somente notas esparsas tratando à superfície algum acontecimento de ocasião.

Infelizmente, a meu ver, o professor Húlvio – embora sempre admirado por mim, não somente em sua grandeza humana, mas como uma pessoa expoente, probo, carismática – durante esses quarenta e dois anos não se munuiu das devidas ferramentas técnico/administrativas para o efetivo gerenciamento do CICOANI, se assim o pretendeu durante todo esse tempo. Caso contrário dele teria feito um grupo agregado, ativo e coeso, em constante trabalho de divulgação através de exposições periódicas da enorme quantidade de material amalhado nesse quase meio século de vida do CICOANI e existente em arquivo: fotos, filmes, reportagens, eslaides, jornais, revistas e livros, além de palestras aos ufólogos e cursos práticos aos iniciantes, ministrados pelos membros do CICOANI, dando oportunidade a eles de se expressarem também, incorporando às palestras uma idéia de equipe e, não deixando transparecer que o grupo necessariamente orbita em torno de uma só pessoa.

Assim como tomei conhecimento do grupo através de um convite pessoal do mestre, nos idos de 1980, penso nos inúmeros interessados que permaneceram sem referências do CICOANI durante todos esses anos apenas por falta de informação.

É lamentável, hoje, perceber que o CICOANI não seja mais um centro de investigação. Tornou-se apenas um grupo civil com alguns poucos remanescentes e em dispersão. Quando uns e outros às vezes se encontram em caráter de reunião de trabalho, mais se torna o evento uma simples contemplação do tudo guardado na residência do professor e que, ficando por lá, com certeza se reverterá num patrimônio particular da família quando do passamento do mestre.

É uma pena, porque o acervo pertence a todos do grupo e aos tantos de fora também, considerando que a pesquisa ufológica se faz em campo aberto, em espaço irrestrito e em arquivos para consultas públicas.

Aos amigos americanos o mestre os atendeu solícito como é seu costume. A pedido de Cynthia, reuniram-se em meu apartamento para uma conversa de quase duas horas. Não estive presente, nem mesmo quando o professor os levou a um passeio à Serra do Cipó para tomarem conhecimento de casos recentes – embora em todos eles, quando de suas ocorrências, eu tivesse participado e ajudado nas investigações.

Dias depois fiquei sabendo, por um telefonema de Cynthia, que, de volta aos Estados Unidos, Bob Pratt fora acometido de um infarto, colocando quatro pontes de safena. E recuperado da cirurgia, ainda lá, – nos seus setenta anos – continua o seu trabalho de pesquisador e a divulgar o incidente em Varginha por todos os meios de comunicação americanos.



Capítulo

7

*A curiosidade leva
a inteligência humana
a sair da visão noturna
à claridade mediana.*

R. L. Bruckberger

Estava em Três Corações de volta ao *incidente em Varginha*. O telefone tocou e era um dos meus informantes relatando sobre o "Capelli", um civil que necessitava dizer a mim um assunto relativo ao que estava aparecendo nos jornais e na televisão. Pedi a ele que nada mais me adiantasse por telefone, porque eu estava com uma forte suspeita de estar com os meus aparelhos grampeados. Combinei ligar para ele de algum telefone público marcando um local onde poderíamos nos encontrar.

Em torno das 14h foi o combinado. Chegando ao local um pouco cedo fiquei na espera dentro do carro. Nesse momento um conhecido meu, o "Evandro", que a tempos eu não encontrava, ao me ver estacionando próximo de seu estabelecimento comercial, atravessou a rua vindo cumprimentar-me pelo que estava acompanhando de nosso trabalho em Varginha. E confessou ter sido bem providencial aquele nosso encontro porque um militar, amigo dele, havia-lhe confidenciado pormenores muito esclarecedores sobre a mesma *criatura* que os jornais e a

televisão estavam comentando. Pedi que marcasse um encontro de nós três. Prometeu telefonar. Abraçou-me, regressando a seu comércio.

A poucos metros do carro estava o "Capelli" aguardando um momento de se achegar. Era perceptível seu constrangimento. Envergonhado mesmo ao se encontrar comigo no passeio de uma via pública. Convidei-o para irmos até a casa de minha mãe. Lá, em qualquer lugar, estaríamos bem.

Após fazer com que eu promettesse inúmeras vezes guardar absoluto segredo sobre a sua pessoa, e não revelando a ninguém como aconteceu o que a tudo presenciou, o seu relato baseou-se na descrição de que, há uns meses, estando em local isolado a pescar num sítio de um conhecido dele, teve a oportunidade de avistar *"aquela coisa fantástica parecendo um ônibus, obviamente guardadas as proporções"*, emitindo um *facho de luz azul muito bonita, clareando grande área ao redor de onde ele estava. "Em poucos instantes aquela coisa foi sumindo, sumindo e sumiu para o alto"*.

O seu relato foi este.

Saimos de carro e deixei-o no mesmo lugar onde nos encontramos.

De regresso a casa, fiquei pensando em como uma testemunha civil, sem nenhum envolvimento com o *incidente em Varginha*, apenas para contar que avistou uma luz, um objeto alongado que ao longe parecia um ônibus ou algo semelhante, exigisse de mim tanta promessa de sigilo, segredo, confiança, pois se em algum momento fosse citado o seu nome, tinha medo de ser ridicularizado.

E assim são as inúmeras testemunhas, sempre amedrontadas de se exporem ao ridículo, às vaias, às chacotas. Muitas, inclusive, guardam para si durante toda uma vida o que um dia presenciaram, apenas pelo capricho da isenção em fazer parte no rol dos *doidos* ou dos *lunáticos*. É nessas horas, portanto, que mais acredito no depoimento de Kátia, Liliâne e Valquíria. E como elas tiveram fibra, honradez e coragem de estarem sempre sustentando perante os curiosos, a imprensa, aos ufólogos, as televisões, tudo o que viram e do modo e onde viram a *criatura*. Repetindo a verdade delas, e sem o menor receio de - ainda hoje - serem motivo de risos, chacotadas e gracejos tanto pelos vizinhos como na escola, na igreja que freqüentam, no trânsito e nas ruas por onde passam em companhia de repórteres ou pesquisadores... ainda querendo vê-las e escutá-las repetindo, repetindo *ad nauseam* o que viram, onde, quando e... porque viram!

Depois do encontro com o civil, preferi ficar em Três Corações ao aguardo de que meu amigo de infância telefonasse, pondo-me em contato com outra testemunha militar. Achei por bem não ir a Varginha naquele dia.

Por volta das 19h, o "Evandro" ligou. Estava ao lado da pessoa com quem eu queria conversar. Disse-me onde estavam e, no mais rápido que pude, estacionei meu carro perto deles. Fui apresentado ao militar da ESA que, por mais sorte minha, estava acompanhado de outro militar, seu amigo.

Achei por bem a escolha de um outro local mais discreto para nós. Entramos no carro e, despedindo-me do "Evandro", seguimos para a casa de minha mãe. Entrei na garagem, fechei o portão de madeira maciça e, em seguida, nos dirigimos para a sala onde começamos a trocar idéias.

Por experiência própria tenho o hábito de, numa pesquisa de ordem ufológica e estando em contato com alguma testemunha, fazer um preâmbulo primeiro para que ela não se sinta tímida, acobalhada e temerosa por parecer impossível ou irreal o seu depoimento. Ainda mais em se tratando de um caso como o de Varginha, de repercussão internacional, considerando ainda o fato de estarem à minha frente dois militares da ESA, tendo tudo a perder, além de serem extremamente prejudicados.

Disse-lhes a meu respeito, inclusive mencionando haver conhecido outros militares também e cujos nomes não revelaria – embora fossem companheiros de farda – exatamente para que todos ficassem em completo anonimato. Terminei a minha fala sobre o que havia descoberto até então e deixei-os à vontade para darem os seus testemunhos referentes ao que sabiam sobre a *criatura* de Varginha, cujas revelações afixaram o mais importante fato concreto da Ufologia mundial.

Memorizando que esta primeira *criatura* fora capturada no dia 20 de janeiro em torno das 10h30 pelos soldados do Corpo de Bombeiros e imediatamente retirada de Varginha pelo Exército, finalmente a oportunidade para sanar as dúvidas havia surgido com os militares à minha frente, dispostos a contarem todo o acontecido, sabendo eu que eles tinham estado com pessoas diretamente envolvidas com o incidente em Varginha.

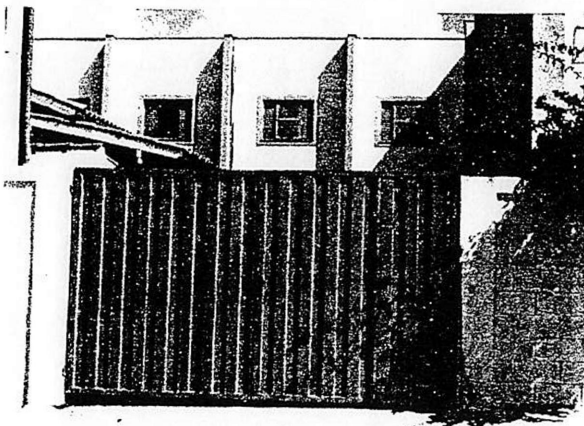
Às 09h do dia 22 de janeiro, saiu do quartel da ESA, com destino a Varginha, um comboio com três caminhões Mercedes Bens modelo 1418, com pintura de camuflagem, lonas nas carrocerias e dirigidos pelo soldado Cirilo, outro pelo cabo Vassalo e o terceiro pelo soldado De Mello. Tinham como companhia mais oito carros civis dirigidos por oficiais e por membros do serviço secreto. Na entrada da cidade, na avenida principal, onde a pista é dupla, além de uma pista acessória onde se encontram grandes empresas, a Kombi que estava à frente os fez parar a um quarteirão do Supermercado Paes Mendonça. Estranhamente permaneceram estacionados ali até as 11h, retornando ao quartel de Três Corações.

Mais estranho ainda foi o retorno de todos eles, estacionando no mesmo local, às 14h. De repente a Kombi – sempre à frente do comboio – seguiu rumo ao centro de Varginha quando, no mesmo instante, estacionava um fusca bege, dirigi-

do por um tenente S2 tendo a seu lado um outro militar ⁵² que, após usar o rádiocomunicador, saiu do carro mandando que o cabo Elber, motorista do primeiro caminhão (e que estava substituindo o soldado Cirilo, que estivera no comboio pela parte da manhã), ordenando que o seguisse para o centro da cidade, e que os outros dois caminhões aguardassem ali mesmo.

Não tardou e apareceu de volta o primeiro caminhão rumando diretamente para Três Corações. Nesse momento o mesmo tenente no fusca bege, retornando, ordenou que o segundo caminhão – onde se encontrava o cabo Vassalo – o seguisse para o centro da cidade. De novo, e sem tardança, o segundo caminhão retornou, procedendo da mesma forma que o primeiro, ao seguir direto para Três Corações. Novamente o tenente mandou que o terceiro caminhão onde se encontrava o soldado De Mello fizesse o mesmo trajeto, ou seja, que se dirigisse para o centro.

Até aquele momento nenhum soldado compreendia o que estava havendo naquela missão, se apenas tiveram de circular de maneira ostensiva por dentro da cidade, de tal forma a criar dúvidas. Próximo aos estabelecimentos bancários um caminhão estacionou e partiu. Outro manobrou de frente a uma concessionária de carros. O terceiro, circulou pela Rodoviária. Afora isso, passaram por locais públicos movimentados. Transitando por diversas ruas justamente com o propósito de nin-



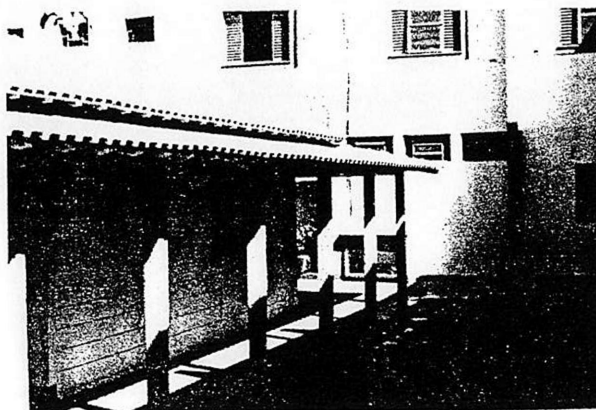
Portão lateral do Hospital Humanitas



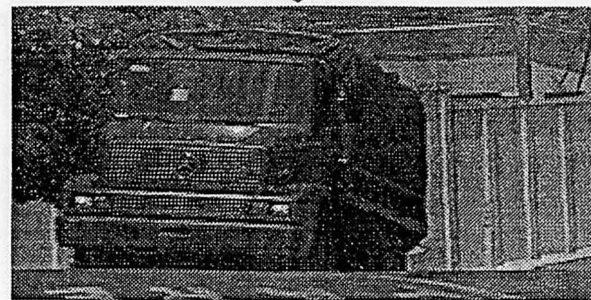
guém saber o de-onde ou o para-onde os caminhões estavam indo ou voltando. Menos ainda o que, afinal, estavam fazendo por ali.

É interessante abrir um parêntesis para considerar um fato que estava sob nossas suspeitas: a presença de caminhões, tanto defronte ao Hospital Regional, quanto do Hospital Humanitas, que é bem mais aparelhado que o outro e ali costumemente se realizam até cirurgias do coração. Construído em um ponto da cidade estrategicamente próximo à rodovia – quando uma pequena estrada fora construída na intenção de desafogar o tráfego do centro, retirando os ônibus intermunicipais da área urbana –, criou-se condição justamente para os que do Humanitas necessitarem de serem atendidos, vindos das cidades circunvizinhas, não terem de rumar até a área urbana. E mais interessante agora é considerar que nenhum dos caminhões usou esta estrada vicinal quando entrou. Mas recorreu a ela quando em retirada!

Mas foi justamente no Humanitas que estavam a viatura e vários soldados do Corpo de Bombeiros, além da viatura e soldados da Polícia Militar de Varginha. E, no comando geral daquela operação, encontrava-se o tenente coronel Olímpio Vanderlei. Estacionado estava o fusca e os dois oficiais, com um deles portando uma prancheta de mão e fazendo constantes anotações, enquanto o outro coordenava uma série de atividades, tendo a tiracolo uma filmadora JVC. Grande era o



Pátio interno do Hospital Humanitas



Caminhão da ESA, modelo idêntico aos do comboto, só não tendo a pintura camuflada (foto capturada de vídeo)

tumulto naquelas dependências, com várias pessoas usando avental, se quatorze ou quinze eram médicos, paramédicos e alguns enfermeiros, alguns usando estetoscópios dependurados nos pescoços, mas todos usando máscaras cirúrgicas.

Pelo enorme portão lateral todos os caminhões entraram de ré no pátio, ficando somente com as frentes expostas na calçada. Neste momento os motoristas e seus acompanhantes não tiveram permissão para descer, enquanto civis e oficiais subiam e desciam da carroceria. Com diversos panos estendidos, mais as lonas de cada caminhão, fizeram uma espécie de túnel indo da traseira do caminhão até uma das salas que davam acesso àquele pátio. Isso, sendo repetido em cada um dos caminhões. Num parêntesis: os militares na sala depunham sobre este momento, enfatizando que tal procedimento ocorreria exatamente do mesmo modo com cada caminhão para que os próprios ocupantes não ficassem sabendo o que de fato ocorria e qual deles estaria transportando a *criatura*.

E, de uma das salas, saiu uma caixa de madeira aberta na parte de cima, contendo uma *criatura* aparentemente morta, de cor marrom escuro, com grandes olhos vermelhos, salientes e sem pupilas – não se enxergando pálpebras aparentes –; com os pés enormes, bifurcados em forma de “V” e completamente desproporcionais ao corpo; mãos com três dedos; e com a parte do joelho um tanto esfolada ou machucada, podendo-se nitidamente perceber



Tenente-coronel Olímpio Vanderlei, também presente no Hospital Humanitas (foto capturada de vídeo)



que estava deitada de barriga para cima e parecendo estar coberta de óleo em todo o corpo, mas exalando um terrível cheiro de amoníaco.

Sempre observada por médicos, um capitão da Polícia Militar e também por outras pessoas ao seu redor, ao ser carregada para fora da sala foi colocada sobre dois cavaletes por soldados do Corpo de Bombeiros. Um dos médicos como se num último exame da *criatura*, com uma pinça abriu um pequeno rasgo que aparentemente seria a boca, puxando a língua fina, preta e comprida. Após soltar a língua, ela retornou para dentro da boca, mesmo estando provavelmente morta a *criatura*.

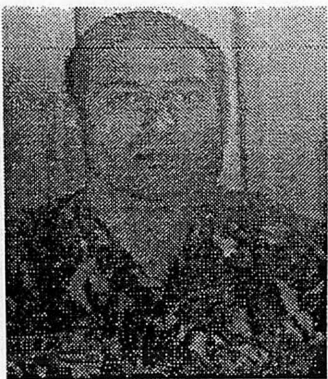
Fecharam a caixa trancando-a com uma espécie de parafusos com borboletas. E arremataram o serviço cobrindo-a com um pedaço de lona e transportaram-na para a carroceria do caminhão.

E um a um foram os três caminhões retornando para Três Corações.

Esta informação nos fora extremamente preciosa, pois a *criatura* que as meninas avistaram rente ao muro, às 15h30, com aspecto de estar doente; com certeza nos levava a crer que era ela mesma, saindo morta de Varginha e dentro da caixa de madeira. O que não sabíamos até aquele momento era como havia sido capturada.

Coincidindo as características da *criatura* com a avistada pelas meninas, assim estava mais do que configurado o estereótipo dela, porque tínhamos absoluta certeza de que não se tratava daquela que fora capturada pelo Corpo de Bombeiros na manhã do dia 20 de janeiro.

No nosso entender ficou claro e evidente que a primeira *criatura* capturada na parte da manhã fora levada pelo Exército e, de maneira alguma, teriam regressado com ela na parte da tarde, deixando-a enconstada no muro somente para causar susto em quem passasse; no caso, as meninas. Assim, tínhamos a certeza absoluta que se tratava de duas *criaturas*. Conclui-se, então, que o Exército a encaminhou diretamente para um local capacitado tecnologicamente, se é do conhecimento de todos não existir este local na cidade de Varginha como em qualquer outra cidade de no Sul de Minas. E dada a proximidade do Estado de



Tenente Tibério
(foto capturada de vídeo)

São Paulo, pode-se concluir, sem nenhuma margem de erro, que ela provavelmente iria ser levada para uma base militar de Campinas, ou para a base militar em São José dos Campos, justamente por estarem próximas da Universidade de Campinas - Unicamp - e da USP, em São Paulo.

Às 19h - horário de verão - o comboio finalmente chegou à periferia de Três Corações, encontrando todo um aparato policial-militar preparado para parar o trânsito nas ruas por onde o comboio passaria, inclusive em rua de contramão, apenas para seguirem direto rumo à ESA, onde os caminhões ficaram guardados num galpão e sob vigilância reforçada, pois desde a saída do comboio ainda na parte da manhã, o quartel se encontrava numa estranha movimentação de tropa. A guarda foi dobrada, colocando-se guardas armados em todos os cantos do quartel, em áreas administrativas, próximo aos posto de pagamento e em vários outros locais que normalmente não exigem tamanha vigilância.

E, durante a noite, houve uma reunião onde estavam presentes o tenente Tibério, da polícia do Exército, o sargento Pedrosa, que é um S2 e braço direito do tenente-coronel Olímpio Vanderlei, mais o capitão Ramirez. Traçavam planos e providências para o dia seguinte, numa estratégia que, ainda às 3h da madrugada do dia 23 de janeiro esse comboio, com os mesmos motoristas e acompanhados por sargentos em cada um dos caminhões se dirigissem para a Escola de Cadetes do Exército, de Campinas, com o sargento Pedrosa no comando enquanto estivessem na estrada, uma vez que o capitão Ramirez havia saído antes deles num jipe Engesa.

Lá chegando o comboio, estava à espera o próprio capitão Ramirez. E os motoristas foram dispensados para se alimentarem, descansarem, enfim, tirar o resto do dia para uma folga, sendo avisados de que retornariam a Três Corações no dia seguinte, 24 de janeiro.

Neste ponto do depoimento mais se aclaravam as nossas suspeitas, quando também se confirmou a presença do sargento Pedrosa dentro da Unicamp.

Devo confessar que desde o início dos depoimentos (embora eu houvesse retirado a filmadora de dentro da maleta, além do gravador), até então ainda estavam receosos quanto a gravarem o que eles próprios, militares, se revesavam na narrativa, com um completando, às vezes, a fala do outro. E ante a negativa, achei por bem não molestá-los mais. No entanto, contei-lhes sobre o meu parceiro, Ubirajara, e que não seria justo que ele também não ficasse sabendo das ocorrências, pois ele era uma pessoa de minha estrita confiança. Alegaram que voltariam ao assunto numa outra oportunidade, mas não naquela hora, porque passava da meia-noite e teriam que se apresentar ao quartel pela manhã cedo.

Retirei o carro da garagem e os deixei em separado próximo de onde cada um residia. De retorno à casa, preferi ir devagar pelas ruas desertas. Não

